

**ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA - AJES**  
**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE**  
**ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

9,0

**“ALFABETIZAÇÃO NO PRIMEIRO CICLO NA E.E.E.F.M. CARLOS DRUMMOND DE  
ANDRADE EM ROLIM DE MOURA”**

LUZIA DOMINGOS DO NASCIMENTO

Orientador: Prof. Ilso Fernandes do Carmo

**ROLIM DE MOURA/2007**

**ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA - AJES**  
**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE**  
**ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

**“ALFABETIZAÇÃO NO PRIMEIRO CICLO NA E.E.E.F.M. CARLOS DRUMMOND DE  
ANDRADE EM ROLIM DE MOURA”**

LUZIA DOMINGOS DO NASCIMENTO

Orientador: Prof. Ilso Fernandes do Carmo

*“Trabalho apresentado como exigência  
parcial para a obtenção do título de  
especialização em Psicopedagogia”.*

**ROLIM DE MOURA/2007**

**ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA - AJES**  
**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE**  
**ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

**ORIENTADOR**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, fonte suprema, onde encontrei força, coragem luz para prosseguir na minha caminhada.

Aos meus mestres, especialmente meu orientador em quem acreditei no seu trabalho. Devido sua dedicação profissional e nos colocou se segurança, no decorrer deste trabalho, colaborando para que esse sonho se realizasse.

Aos meus filhos que estiveram sempre presente, me apoiando, em todos os momentos, me incentivando na continuidade do curso.

Aos colegas de turma, pelos momentos que estivemos juntos. E a todos que, direto ou indiretamente colaboraram comigo.

Que Deus abençoe a todos.

## **DEDICATÓRIA**

DEDICO ESTE TRABALHO

Aos meus filhos:

PEDRO NASCIMENTO C. DE MORAES,  
SILVANE NASCIMENTO C. DE MORAES,  
MIRÉIA NASCIMENTO FERREIRA,  
VAGNO NASCIMENTO FERREIRA.

Que mesmo sendo muito pequeno, e adolescentes, souberam compreender as ausências.

## **RESUMO**

O presente estudo pretende refletir sobre o processo da escrita na alfabetização, no ensino e aprendizagem, procurando avaliar a construção da escrita, oferecendo condições para que o docente possa compreender o processo de aquisição e aprendizagem do conhecimento de como a criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem evoluído o seu processo de interação social. Desenvolvendo o interesse pela a linguagem oral e escrita, acreditando que o educando é capaz de construir seu saber dentro de sua cultura.

## SUMÁRIO

|                                                                  |    |
|------------------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO.....                                                  | 07 |
| CAPÍTULO I – ALFABETIZAÇÃO.....                                  | 09 |
| 1.1 – A HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO E DA ESCRITA.....              | 09 |
| CAPITULO II- PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E ESCRITA.....            | 25 |
| CAPÍTULO III – O CONTATO DA ALFABETIZAÇÃO NO PRIMEIRO CICLO..... | 46 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                                        | 53 |
| REFERÊNCIAS.....                                                 | 55 |

## INTRODUÇÃO

O tema escolhido para este trabalho procura esclarecer algumas questões pertinentes ao processo de construção da escrita, do ensino e aprendizagem no primeiro ciclo.

Tem por objetivo auxiliar na compreensão do ensino, quando diz respeito à linguagem oral e escrita das crianças em processo de aquisição de aprendizagem no período de alfabetização. Porém se preocupa com a abrangência de um leque para maior conhecimento sobre o tema abordado, procurando ampliar e fornecer conhecimento teórico, bem como de compreender o aluno que procura construir seu próprio saber ativamente no mundo que o rodeia.

Porém, durante a realização de observação direcionada a uma mova expectativa, que viesse a trazer resultado todo satisfatório para a classe. Onde estava sendo realizado um trabalho diferenciado, que envolvia os alunos e suas realidades. Este fato despertou o interesse em aprofundar os conhecimentos sobre esta problemática e deu origem a presente monografia.

De vez que é interessante à localização em bibliografia, de autores que discutiam esse assunto, visto que não é uma tarefa fácil, mas faz necessário conhecer e levar em frente.

É importante começar pela localização da história da escrita e da alfabetização, pelo fato que da origem ao “discutir”, valorizando a realidade de aluno e os resultados desta busca relatos no Capítulo I.

No II Capítulo encontram os diferentes, enfoques da realidade e aprendizagem dos alunos e suas hipóteses e construção do processo de escrita e aquisição da língua oral e escrita dentro de uma teoria adequada, onde o professor possa se em basear e compreender o funcionamento do processo de alfabetização. Levando em consideração as áreas de conhecimento: psicologia, português, e sociologia, pois cada uma tem interpretações diferentes para este tema.

A pesquisa de campo será apresentada no III Capítulo e representa um esforço em busca da realização, de uma prática daquilo que a teoria propõe. Para isso a escolha da turma a ser pesquisada foi intencional, uma vez que essa era a sala na qual eu atuava. Analisar uma realidade onde a professora alfabetizadora foi bem sucedida nesta articulação entre teoria e prática. Pois mostra de como está teoria funciona na prática, e como as crianças constroem suas hipóteses gradativamente dentro de seu potencial, e de que maneira ocorre a construção da escrita pelas crianças do primeiro ciclo, pois mostram a importância da linguagem oral e escrita, e a hipótese que as crianças levantam e é compreendida por elas mesma. Que são os próprios alunos em desenvolvimento no processo de alfabetização.

## **CAPÍTULO I**

### **ALFABETIZAÇÃO**

O interesse deste capítulo é percorrer os textos que analisam as mudanças ocorridas na história da alfabetização em nosso cotidiano, desde a pré-história até os dias atuais, buscando mostrar em momento o discurso incorpora a preocupação com a valorização da educação levando em consideração o conhecimento do educando, partindo da realidade do aluno. Além interessa – nos também investigar como em cada período este discurso esta relacionado com a preocupação da universalização da escolaridade.

#### **1.1 - A HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO E DA ESCRITA**

Houve se uma grande necessidade do ser humano se comunicar, então teve como objetivo essencial à criação da escrita. Foi através dos registros em cavernas rocha que o homem começou a criar símbolo e mais tarde a escrita. A história da escrita sempre seguiu uma linha de evolução cronológica de um sistema tendo em três fases distintas: pictórica, a ideográfica e alfabética. (CAGLIARI, 2003).

Ainda quando o homem vivia em cavernas com mulheres e crianças feita pela própria natureza. Eles se alimentavam de frutas e animais, que caçavam na floresta. As pessoas gostavam de desenhar animais objetos e pessoas. Em pedras,

rochas e madeiras, esses desenhos nos trazem informações daquela época, quando ainda não existia a escrita, até para falar o homem tinha dificuldade. (GIESEN 2003). Com o passar do tempo o homem percebeu que os desenhos eram pouco para o registro de suas atividades, a partir de então começou o surgimento das letras para que pudessem registrar pensamento e acontecimento. O mesmo acontece até nos dias de hoje só que no mundo moderno o homem usa varios tipos de registros. Mesmo assim o impresso nunca perdeu o seu valor e esta sendo a mais utilizada em todas as classes.

(WOLPATO, 2001). Na sua fala, dizem que ao longo da história a humanidade construiu diversos sistemas de escritas sendo o sistema alfabético um sistema possível do mundo atual, e a que representa a fala fonográfica, esta é a escrita que representa o som da fala quando falamos.

Há muitos tempos os povos lutaram pela a sobrevivência procurando aprimorar o seu sentido em perito na vida cotidiana aprendendo a ler índices e ainda interpretá-lo. Que foram reproduzidas há dez mil anos atrás em São Raimundo Nonato, sendo produzida pelo homem primitivo nesta mesma época com intenção, não totalmente de ser compreendida pelo o homem moderno, mais sim as primeiras manifestações dos seres humanos, na tentativa de fixar os aspectos do mundo em viviam e se encontravam situada. Desenhos ainda muito distantes dos primeiros pictogramas. Anos mais tarde surgem em nossa história uma intenção expressa de comunicação, foi às primeiras tentativas dos pictogramas. Com uma mensagem mais precisa pode comunicar. Caçamos um tatu ou foi o dia que comemos o tatu, ainda o tatu tem medo de nós (WOLPATO, 2001).

Com o passar do tempo outros descobriram novas formas que viriam ampliar consideravelmente sua possibilidade de comunicação precisa, onde não representava mais os desenhos, sim os acontecimento da própria linguagem da palavra na ordem que era falada, assim os pictogramas primitivos foram evoluindo. Desenho e significado foram o que mais tarde possibilitou a clareza da mensagem, tendo como referencia a estrutura da língua, começou a ser utilizadas por diversas civilizações em diferentes épocas.

Os pictogramas não associado a um som, mas uma imagem que queria representar o seu significado do objeto e da realidade. Eram representados através de desenhos chamados ideogramas, que ao longo do tempo, evoluíram perdendo alguns traços representativos. E da figura representada, e passou a ser uma convenção. Da escrita. Foi deste tipo de evolução que surgiu o nosso alfabeto.

*“As escritas ideográficas mais importantes são as egípcias (também chama da hieroglífica), a mesopotâmia (sumérica), as escritas da região do mar Egeu (por exemplo, a crescente) e Chinesa (de onde provem à escrita japonesa)”. A fase alfabética se caracteriza pelo uso de letras. Estas tiveram sua origem nos ideogramas, mas perderam o valor ideográfico, assumindo uma nova função de escrita: a representação puramente fonográfica. O ideograma perdeu seu valor pictórico e passou a ser simplesmente uma representação fonética. Antes que o alfabeto tomasse a forma que conhecemos atualmente, passou por inúmeras transformações. Primeiro surgiram os silabários, que consistiam num conjunto de sinais específicos para representar cada sílaba. Os desenhos “usados referenciam – se as características fonéticas da palavra”. (CAGLIARI: 2003, p. 108-109)*

Sabendo que a escrita não é recente, ela surgiu há milhões de anos a.C. os povos da pré-história sentiu-se por necessidade de registrar e comunicar através de gestos, sinais, marcas e desenhos, feitos em barros, madeiras, cavernas, etc. Com o passar do tempo toda a civilização teve necessidade de fazer seus registros do cotidiano e conquistas de festas, rituais etc. De acordo com XACRIABÁ (2006), devido o grande número de pessoas cada vez maiores sentiram necessidades de civilizações. Por isso criaram os símbolos para poder representar as coisas, e cada vez mais sofreu modificações ganhando os sons, tornando assim o alfabeto.

O homem ao buscar meio para se comunicar através de desenhos, ele usou pinturas nas paredes das cavernas, assim trocavam mensagem, passavam idéias e transmitia desejos de acordo com as necessidades, mesmo não sendo um tipo de escrita convencional, devida não houver organização padronizada de suas representações gráficas na (pré-história), (XACRIABÁ, 2006).

Para chegar há uma escrita convencional cada povo se adaptou a um tipo de material, suporte. Para que sua escrita tomasse forma mais rápida, para ser escrita e lida. Na mesopotâmia usaram argila úmida para fazer seus relatos de conquista, os Egípcios desenvolveram o papiro, isto era quando os pictogramas eram escritos a tinta. Assim por diante, pouco a pouco a analogia foi perdendo sua origem, e os pictogramas

evoluíram até chegar a escrita, convencional hoje conhecida, onde deve ser ensinada para alguém que não sabe. Isso ocorreu em todas as civilizações. WOLPATO, (2001) enfatiza que para chegar a um conceito precisaria usar dois ou três significados para dar origem a outro significado. Os chineses como outros povos também passaram se valer desse processo. Porém com a grande evolução ocorrida surgiu uma nova maneira de escrever, quando a escrita começou a representar não mais os seres, ações e objetos e sim o som da fala. De pictograma para fonográfico, o uso fonético do pictograma. Desta maneira as regras do sistema começaram a ser quebrada. A partir de então o leitor, não tinha da escrita diretamente um significado. (WOLPATO, 2001). Então o escrito pictograma que representavam as idéias passou, incorporar no som da fala.

Através desta conquista, possibilitou a escrita de todos os sons da linguagem oral. Mostra a importância do processo da junção de duas palavras para representa a escrita de uma terceira. Apresenta o uso somente da primeira sílaba da palavra representada por um pictograma, este recurso foi usado na transformação do sistema ideográfica, fonográfico de escrita. Novo sistema adotado por muitos povos. A escrita foi um grande instrumento que contribuiu para a evolução da humanidade, devido o número de sociedade com necessidade de comunicar entre as mesmas, com o passar do tempo, a escrita foi evoluindo, procurando responder as expectativas e desejos dos povos, em fazer seus registros, criando leis e normas, o contribuiu na divisão e desigualdade de classe (WOLPATO, 2001).

Para MERCANTIL (2006), a escrita é mais que um conjunto de símbolo, tem possibilidade de registro, e transforma uma espécie na memória ao mesmo tempo com figura como instrumento de divisão de classe, colaborando nos registros de atividade comerciais. Não foi por acaso o surgimento da escrita veio para favorecer no desenvolvimento da sociedade e exigiu a criação de forma de registro, historicamente às posses de sua evolução de todos os tempos foram privilegiadas. O sistema de escrita, copiada por quase todos os povos do oriente foi a chinesa, relata a que os símbolos criados há cerca de 3 mil anos sofreram poucas alterações ao longo do tempo.

Conforme WOLPATO (2001), nos últimos séculos antes de Cristo os povos como fenícios desenvolveram grande intercâmbio comerciais com outras nações do mediterrâneo, que na qual trouxeram para suas culturas pictogramas egípcios para ser usada como primeira consoante. Desta maneira foram surgindo novas traduções, aonde século mais tarde o homem viria chegar mais próximo do alfabeto tanto fenícios como egípcios escreveriam apenas as consoantes adquirindo os valores silábicos, as vogais eram deduzias do contato de onde estavam as palavras. Por volta 800 anos antes de cristo. Os gregos consonantais fenícios introduziam as vogais, conseguindo apresentar separadamente todos os elementos que compõe uma sílaba e finalmente o homem chegou ao alfabeto. Com esse avanço à escrita alfabética acompanhou o nascimento de novas civilizações de país, permanecendo basicamente a mesmas até os dias de hoje, onde representa o som fonético e a idéia como forma de escrever.

Mercantil (2006), define outros três métodos possíveis. As escritas alfabéticas divididas em consoante e vocálica, e a silábicas. A escrita consonantal são exemplos a financia, a aramaica e a hebraico. Grega, as etruscas, a latina e a ciríllica são vocálicas. O método indiano e etíope pode ser considerado como silábicos.

Segundo (BARBOSA, 1994). O surgimento da escrita foi acompanhado de artes, do governo, comercio, agricultura, manufatura, e do transporte. Observando os fatores geográficos, sociais e econômicos, que gira ao torno do desenvolvimento, da civilização percebe-se que tudo isto não funcionaria sem a escrita.

Afirma Barbosa: *“A escrita é considerada um marco de passagem da pré-história para a história. E principalmente a partir de registro escrito que se recompõe a forma de vida de um povo em uma determinada época”* (BARBOSA, 1994, p. 34).

Durante todos os tempos o homem, vem buscando meios para se comunicar - se usou gestos, expressões e a fala.

*“A escrita tem origem no momento em que homem aprende a comunicar, seus pensamentos e sentimentos por meios de signos. Signos que sejam compreensíveis por outros homens que possuem idéias sobre como funciona essa sistema de comunicação.”* (BARBOSA 1994, p. 34).

A escrita suméria estenderam-se ao Oriente Médio podem ter servido de estímulo á escrita chinesa. O sistema foi adaptado também por outros povos, cada qual

com seu idioma. A escrita suméria expandiu e se estendeu aos outros povos por volta de 2000 a.C. séculos mais tarde continuaram sofrendo diversas modificações, até alcançar sua forma definitiva, compreendendo 24 sinais para as consoantes. Semíticos com mediterrâneo, mantinham contato usava-se o papiro egípcio e um alfabeto de 22 sinais, onde cada sinal representava uma consoante única. O som das vogais indicado pelo contexto.

*“A partir da representação silábica herdada do povo semítico ocidental os gregos desenvolveram o alfabeto. Entende-se por alfabeto um conjunto de sinais da escrita que expressa os sons individuais de uma língua. Para isto, os gregos desenvolveram um sistema de vogais. Estas vogais, unidas aos signos silábicos tomaram as sílabas simples, consonântico. Pela primeira vez, criaram um completo sistema alfabético da escrita, com 27 letras. A partir dos gregos os semitas aprenderam os símbolos vocálicos e criaram seu próprio alfabeto. O nosso alfabeto latino também desenvolveu a partir do alfabeto grego.” (BARBOSA, 1994, p 37).*

No relato (CAGLIARI, 2003), escreve que os fenícios utilizaram vários sinais de escrita egípcia, procurando reduzir, onde cada qual escrevia um som consonantal. Dando as características das línguas semíticas, achavam que era muito importante escrever as vogais, mas que as palavras fossem reconhecida somente pelas consoantes.

Sendo que, em grego, as vogais têm uma função lingüística muito importante na formação e no reconhecimento de palavras. Os gregos, escrevendo consoantes e vogais, criaram o sistema de escrita alfabética.

*“A escrita alfabética é a que apresentam um inventário menor de símbolos e permitir a maior possibilidade combinatória de caracteres na escrita grega foi adaptado pelos romanos e esta forma modifica constitui o sistema alfabético grego – latino de onde provem o nosso alfabeto”. (CAGLIARI, 2003, p. 110)*

A escrita sempre foi e sempre será a mais importante representação da memória coletiva religiosa, mágica, científica, política, artística, e cultural. Foi com a evolução da escrita que mais tarde surgiu a invenção do livro, servindo de armazenagem para a história da humanidade.

Apesar das desigualdades do sistema de escrita do passado e do presente, percebe-se que suas funções são as mesmas de registrar idéias e acontecimento da grande história da humanidade transmitindo informações de gerações a gerações. Desde o passado durante todas as épocas as pessoas utilizam a

escrita para guardar aquilo que tinham medo de perder da memória, mesmo nos dias atuais isto acontece com frequência, devido o crescimento econômico, financeiro e movimento das pequenas e grandes empresas, a necessidade da escrita está sendo mais exigida por aqueles que estão envolvidos no crescimento e evolução da humanidade. Hoje em dia a escrita têm sido muito essencial para o bom desempenho e formação na vida cotidiana. Pois com a grande transformação do sistema de escrita, desde o principio ao longo de todos os tempos, a escrita fez parte da formação do indivíduo. Sempre sendo valorizada socialmente reforçada positivamente a imagem de quem as domina. (OFICIO DO PROFESSOR, 2002).

Sabendo-se que há mais de 2700 anos a escrita alfabética entrou em cena do mundo. Apareceu primeiramente no vasto da cultura, nas atividades humanas, começando pela mão da gente comum tipo artífices e comerciantes que precisavam dela para facilitar a vida cotidiana. (GARCIA, 2004).

Algum tempo mais tarde gerou a escrita municiar, onde poucas pessoas se apropriaram, funcionou em beneficio do mesmo. Os gregos já por ser privilegiado o seu pensar detrimento do fazer compreenderam o quanto à escrita poderia alias saber e poder. Assim nasceu a superioridade dos letrados, e cada vez foi reforçando a separação artificial entre o fazer e o pensar, sendo privilegiado as atividades intelectuais. Dando oportunidades para aqueles que ocupam o lugar de cidadãos de primeira classe: a política, o estudo da filosofia e da poesia. Com relação à tecnologia do alfabeto, uma curiosa invenção, a última classe governante a se apropriarem da escrita foi à Grécia antiga, capitalizaram o saber-fazer em saber-poder. Enquanto as classes privilegiadas priorizavam do conhecimento letrado, as classes populares parecem guardas as devidas proporções mesmo antes de o livro ser divulgado entre a pequena minoria as pessoas já se discute a questão da relação entre saber e poder. Abrem-se caminhos para a disseminação dos livros e de um outro modo de ler. Os livros eram raros e muito caros. As leituras se tornaram de pouco acesso ao publico. Onde o leitor emprestava sua voz ao texto e se destina aos ouvintes. Ouvintes atentos não apenas a palavra, mas a linguagem total do leitor que compartilhavam o texto com o auditório. (GARCIA, 2004).

Durante muito tempo após a escrita ter tomado sua forma convencional, girou somente em torno da classe privilegiada. Gerando cada vez mais à desigualdade, na sociedade, quem as dominava, fortalecia mais, sentindo se dono do poder e dominando a classe menos favorecida, com isso facilitaria fazer com que alguém lhe obedecesse através do conformismo.

CAGLIARI deixa isso claro ao afirmar:

*“O domínio da escrita e o acesso ao saber acumulado tem sido uma das maiores fontes de poder nas sociedades e, por isso mesmo, privilegiam das classes dominantes”. Por que todos os indivíduos não passaram a ser alfabetizados desde o momento em que se inventou a escrita? Porque isso representaria o compartilhamento do saber do poder e do poder do saber. A igualdade de chances se tornaria perigosa demais para os que quisessem mandar e ter quem lhes obedecesse. “Nada melhor do que a ignorância para gerar a obediência cega, a sobrevivência e o conformismo, como destino irrevogável da condição humana”. (CAGLIARI, 2003, p. 10).*

Nos últimos séculos ouve-se uma preocupação com a alfabetização, porém começou o surgimento de algumas escolas publicas, devido à concorrência, achava que para se manterem forte precisaria armas, mesmo correndo o risco de com estas mesmas armas, revoltarem-se contra. Como já foi dito a classe privilegiada tinham a força do poder mediante a sociedade, referindo a classe popular. Com a compreensão da escrita o individuo estaria crescendo cada vez mais, mas o conhecimento e preparando para um desafio de poder. Desde o momento que individuo passasse pelo processo de alfabetização, isto faria com que seu pensar, seu ver já seria de um intelectual.

*“A alfabetização é, sem duvida, o momento mais importante da formação escolar de uma pessoa, assim como a invenção da escrita foi o momento mais importante da História da humanidade, pois somente através dos registros escritos o saber acumulado pôde ser controlado pelos indivíduos. Deve-se a esse saber acumulado pela escrita o fato de termos chegada aos meios atuais de registros e manipulação de todos, como gravadores, videocassetes e computadores”. (CAGLIARI, 2003, p. 10).*

Com a evolução Francesa já nos últimos séculos por volta de 1789, nasceu o modelo de alfabetização, a partir de então as crianças são transformados em alunos, aprender a escrever, sobrepõe a aprender a ler. Até este período ler e escrever era uma aprendizagem distinta ao ensino individualizado, após a revolução atrapalhada

se a ruptura pela a tradição a alfabetização torna o fundamento da escola básica. (BRASIL, 2000).

Segundo (BARBOSA 1994), no momento em que as crianças são transformadas em alunos, acha que se aprende escrever escrevendo nisso nasce à concepção de alfabetização que herdamos, não permitindo que outra concepção pudesse existir. O que, hoje chamamos de processo de alfabetização, onde comporta a aprendizagem coletiva da leitura e escrita. No longo do período em que essas duas aprendizagens eram separadas e sucessivas no tempo, até então os métodos aplicáveis à educação privada, individual aplicada pelo preceptor, pedagogo.

Porém os autores desse método não sonhavam com a educação do povo. A leitura e a escritas concebidas como aprendizagem individuais distintas. Por isso só estudava crianças cujos pais pudessem custear um preceptor, devida o valor que eram muito caro. Na época o único ensino coletivo era o catecismo. Após a revolução da Francesa o ensino se torna gratuito e universal sob o controle publica, através de legislação centralizadora e unitária, visa massificar para unificar. A preocupação era encontrar um esquema para que um mestre pudesse trabalhar, ensinando a muitas crianças de forma e econômica e rápida. Achou por bem buscar recursos em países estrangeiros, através de viagens com finalidades de conhecer outros sistemas de ensino que viesse a trazer benefício.

*“Gradativamente, também o ensino da escrita vai deixando de ser nocivo ao ensino da leitura, mudança fundamental para a história posterior da alfabetizamos a idéia de ensino simultânea da leitura e escrita não era recente. Já no século XVII, na Alemanha, alguns teóricos inovadores propõem a junção dessas aprendizagens e, na França do século XVIII, estudiosos como P. Delaunas, Dupont, Charrier e J. B. de La Salle defendem prematuramente ensinar a crianças a traçar pronunciando seu nome. Dupont, apelando para a história para lógica, pondera que a história da escrita precede a leitura e que, se a escrita fosse bem ensinando, não teria sentido fazer o estudo à parte da leitura, pois todos aqueles que sabem escrever, logicamente sabem ler”. (BARBOSA, 1994 p 18).*

Conforme Barbosa foi por volta do século XIX, que a leitura e a escrita começaram de fato ser vista de modo associado. A escrita deixa de ser uma arte e passa a ser um trabalho manual, simplificando, preparando a mudança fundamental. Nesta época que surge à questão de ensinar às crianças a letra manuscrita, a de

empresa ou as duas no mesmo tempo. No sistema onde simultâneo, a criança lê o que escreve e escreve o que lê.

*“J. B. Graser parece ter sido um dos primeiros mestres a aplicar sistematicamente o ensino em que a escrita precedia a leitura. Ensinavam primeiras as letras, as sílabas e, por fim, as palavras”.* (BARBOSA, 1994 p. 18).

Ainda segundo Barbosa combina o método fonético Scholz com os métodos fonéticos Graser, na qual as crianças já traçam as letras não mais dizendo seu nome, sim o som da letra.

Já em 1815, a sociedade para a Instrução Elementos da França, introduz alguns procedimentos renovadores. Fazendo uma aliança entre o ensino da leitura e da escrita. A partir de então planeja uma nova organização escolar separando as crianças por classes dirigidas por professor. *“De 1810 até 1853 centenas de Escolas normais se espalham pela França, formou do novo professor de alfabetização”.* (BARBOSA, 1994 p. 19).

Com o crescimento da indústria e urbanização, cresce se a necessidade se adotar novos valores, pela nova classe no poder, então surge á urgência de garantir a todo o mínimo de instrução, podendo, assim adotar o cidadão à situação emergente.

*“Paralelamente, a educação passa a ser vista, pelos pais, como a esperança de ascensão social, poupando os filhos de um futuro de trabalhos considerados rudes e mal remunerados. Desse modo, cresce a demanda pela educação. Nasce assim o mito da alfabetização, e a promoção coletiva, visando à mudança social, é substituída pela escola pessoal patrocinada pelo sucesso escolar”.* (BARBOSA, 1994, p. 19).

Com o atropelamento da ruptura a alfabetização se torna o fundamento da escola básica, onde a leitura e a escrita passam a ser aprendizagem, escolar. Não mais um imperativo da fé ou exigência de modernização social, mas sim uma concepção social da alfabetização.

A alfabetização Brasileira, segundo Instrução Normativa da (SEDUC, 2004). Mediante os problemas educacionais, as pessoas costumam acreditar que, no tempo dos nossos avós as escolas alfabetização com sucessos, ou seja, os professores eram mais qualificados e os alunos era mais disposta a aprendizagem escolar. Diante

dos difíceis momentos do presente, alguém acha que voltar ao passado seria a solução, no caso da alfabetização não vale a pena, devido à maioria dos problemas enfrentados hoje. É fruto deste passado. Mesmo no Brasil, pouco antes da Independência, em 1820, apenas 0,20% da população considerava alfabetizada. Pôr ler e escrever era privilégio das elites que, após esses aprendizados, dão continuidade a seus estudos.

Segundo as estatísticas, já citadas acima, (SEDUC, 2004). Mostram que ao longo do século a população se alfabetiza, mas muito gradualmente, desde 1872 quando o primeiro censo nacional do índice de alfabetização e até 2000.

De acordo com as pesquisas centro de alfabetização só no final da década passada os países conseguiram universalizar o acesso de aluno às escolas, mesmo com essa tentativa, ainda existem estados que persistam, percentuais expressivos de crianças fora da escola. O fracasso na alfabetização tem atingido a maioria das crianças de classe popular que trabalham. O problema de analfabetismo, na escola ou fora dela, provém de um problema maior de natureza político, é o que causa a desigualdade social, a injustiça social e a exclusão social.

As dificuldades que todos têm enfrentado no presente, na certa não são novas. É parte de uma dificuldade antiga de nosso País, pois em nosso País asseguramos todos os brasileiros à igualdade de acesso a bens econômicos e culturais, nela compreendidos a alfabetização e o domínio da língua escrita.

Os dados vêm mostrando que a difícil herança que nos foi legada e as dimensões de nosso desafio mostram que ainda lentamente avançamos. Ao longo de todo o século, com seguimos incluir novas parcelas da população no mundo da escrita. No final do século XIX, o percentual de alfabetização, era de 18% já no início do século XXI, foi para 83% índices de alfabetizados. O mais importante foi que, mesmo com lentidão houve avanços aumentando nossas expectativas em relação à alfabetização e progressivamente ampliando o nosso conceito de alfabetização.

Segundo as indagações do censo até os anos 40 do século passado, se questionava, a pessoa se sabia ler e escrever seu próprio nome. Após os anos 50 até o último censo (2000) havia novos questionamentos passaram a indagar se a pessoa era

capaz de ler e escrever bilhete, o que já era evidencia uma aplicação do conceito de alfabetização. Hoje não considerar mais alfabetização apenas aqueles que sabe ler e escrever e sim os que sabem usar a leitura e a escrita para exercer uma prática social em que a escrita é necessária.

Ao ampliar o conceito de alfabetização tem revelado, mas claramente em estudos censitários desenvolvidos a partir da última década, onde foram definidos os índices de alfabetização. Essa terminologia já indica um novo conceito que se acrescenta ao de alfabetizado. Tomado como critério o nível de escolaridade atingindo ou a conclusão de um determinado número de anos de estudo ou de uma determinada série, no caso da quarta série, que traz a idéia de que o acesso ao mundo da escrita exige habilidades para além do saber ler e escrever.

Segundo (FERREIRO 2004). No ano de 1979 realizou se uma Conferencia Regional de ministro da Educação na cidade do México encarregados do Planejamento Econômico da América Latina, deu origem a conhecer um Projeto Principal de Educação para América Latina e Caribe.

O Projeto propõe que antes do ano 1999, realizar ações eficazes para América Latina e Caribe.

O Projeto propõe que antes do ano 1999, realizar ações eficazes para conseguir a escolarização de todas as crianças, uma educação no mínimo de 8 a 10 anos, procurando melhorar e ampliar a qualidade e eficiência dos sistemas educativos. Lembrando que a década de 80 foi muito ruim devido à famosa “Crise Econômica” que provocou, entre outra consequência bem conhecida, uma redução do gasto público em educação.

Já no final da década de 80 volta a falar e declarar o ano de 1990, como internacional da alfabetização.

Ao declarar o ano de 1990, o ano da alfabetização inaugura a década da alfabetização e da educação básica. Porém o Banco Mundial resolvem investir na educação básica e incidir sobre as políticas dos governos. Neste mesmo ano afirma se Educação para todos. Entre tantas as necessidades de aprendizagem continua sendo a alfabetização.

Segundo (FERREIRO 2004). É difícil falar da alfabetização evitando as posturas dominantes neste campo, onde o discurso meramente ideológico, o que pode ser chamado “discurso de denúncia”. Onde o discurso oficial centra-se nas estatísticas, preocupando com a quantidade de escolas a ser inauguradas, e enfatiza a má qualidade dessas construções. Onde fala também da quantidade de crianças matriculadas e classes superlotadas e professores mal pagos e poucas horas de permanência na escola. Enquanto o discurso oficial preocupa com a necessidade de eliminar o analfabetismo, a denuncia quer na realidade são as melhores estatísticas procurando ficar em melhores posições nas reuniões internacionais. Evitando atacar as causas que afetam a reprodução de analfabeto.

*“Mais ainda: Por mais bem-sucedidas que sejam as campanhas de alfabetização de adultos, não há garantias de se alcançar porcentagens de alfabetização altas e duráveis enquanto a escola primária não cumprir eficazmente sua tarefa alfabetizadora. Na medida em que a escola primária continuar expulsando grupos considerável de crianças que não consegue alfabetizar, continuará reproduzido o analfabetismo dos adultos”. (FERREIRO, 2004, p.16).*

O termo “expulsar” para Ferreiro significa retenção, abandono e discriminação que dificultam a alfabetização daqueles setores sociais que mais necessitam da escola para se alfabetizar. Diz também que as crianças têm mais facilidade para se alfabetizar do que qualquer outro grupo de idade, mesmos dentro ou fora do contexto escolar, os adultos já tem seus conhecimentos amadurecido que convive no ambiente urbano sem e necessidade de leitura e escrita. Mostra também que o sucesso dos objetivos da alfabetização das crianças coincidiu com o do Projeto Principal, onde requer superar a visão de introduzir a leitura e escrita como aprendizagem, ligada ao problema da qualidade de ensino, vinculado à detecção e á eliminação dos mecanismos de descriminação. Tentando compreender o desenvolvimento das conceitualizações infantis sobre a língua escrita. Afirma Ferreira na sua conclusão: *“As crianças são facilmente alfabetizáveis; foram os adultos que dificultaram o processo de alfabetização delas”*. (FERREIRO, 2004, p. 17).

LANDISMAM (1998), discute em seu artigo três diferentes tipos de concepções sobre a alfabetização e o indivíduo alfabetizado. Na primeira ele fala da alfabetização como um processo que adquire a chamada escrita alfabética e um

conjunto de habilidades associadas com seu uso. De modo que o alfabetizado coloque em prática a utilização de materiais de leitura e a escola deve reproduzir, fundamentalmente, as condições de uso praticam da linguagem escrita.

Segundo concessão, a alfabetização, trata sobre a questão da propriedade da escrita que traz consigo o poder político, econômico e cognitivo, o indivíduo alfabetizado sente mais seguro e com mais informação, e consegue melhor trabalho, evitando preconceito entre as classes sociais mais altas.

Já na terceira concepção, apresenta que o essencial da alfabetização é considerar o alfabetizado, o indivíduo que consegue, através da linguagem escrita, expressar sentimento, provocar ambigüidades, criar mundos imaginários. O que hoje representa a cultura da sociedade sobre o que seja alfabetização e o que se espera do indivíduo alfabetizado. Pois alfabetizar é muito mais que ensinar o alfabeto a alguém. Essas noções são reconhecidas pelas pessoas alfabetizadas, ou por aquele que estão em processo de alfabetização e até pelos analfabetos (NOVA ESCOLA, maio de 1994).

Segundo (GARCIA, 2001), a sociedade brasileira continua a reproduzir milhões de analfabeto, que na qual venham a contribuir para a manutenção de privilegiados, com a chamada exclusão.

A escola também tem contribuído bastante nessa exclusão, não é por que, quê, mas devido, o fato de ainda encontrarem milhões de crianças fora da escola. E grande parte das crianças pobre chega ao final do ano letivo, sem sequer saber ler e escrever. Com o passar dos anos terminam desistindo com falsas esperanças que não aprende a ler nem escrever. As crianças sentem-se incapazes de aprender e a escola lava as mãos. Para mudar seria necessário que todos reflitam coletivamente sobre as razões do fracasso escolar, que sempre atingir os mesmos.

O que a autora coloca é que discutir fracasso na alfabetização é o mesmo que discutir fracasso na escola. Para reverter à situação de fracasso escolar das classes popular e interessante que fique atendo do que ocorre na escola e na sociedade que se produz o fracasso escolar para garantir o sucesso do desenvolvimento estudante. O que se alega é que não aprende quem não tem

competência, não quer, não é capaz, ou que seja por falta de esforço para aprender. A maioria das vezes é preguiçosa.

São acusados também de deficientes, desnutridos ou problemas neurológicos e psicológicos. São tantas as acusações que envergonhe. Afinal o fracasso escolar está sendo produzido da ignorância, onde poucos a privilegiam, ou seja, mantidos sem maiores reações.

*“Para nós, alfabetização é um processo contínuo, que acompanha o processo mais amplo de buscar e construção de conhecimentos inerente a todo ser humano que vive numa sociedade letrada. A criança que vive exposta à linguagem escrita, inevitavelmente, se interessará por saber o que está escrito no livro, na revista, no jornal, na carta, nas instruções dos jogos, bem como em usar a escrita para expressar seus sentimentos, idéias e ações”.* (GARCIA, 2001, p. 10).

É de fundamental importância que se valorize a curiosidade natural da criança conhecer o mundo que a rodeia, levando em consideração que a criança é capaz de despertar. Seu próprio interesse pela língua escrita e conhecer algo por aqueles que admiram.

Alfabetização não é o início da entrada de uma criança na escola e na primeira série, mas ela se encontra no processo de alfabetização desde muito antes de ir à escola. Porém o que a diferença da aprendizagem de uma criança para outra é justamente o meio ambiente que ela vive. A classe social que faz a criança desenvolver o seu conhecimento, ou até mesmo levar o bloqueio, retenção e que venha causar fracasso escolar de muitos. (GARCIA, 2001)

A preocupação com a alfabetização nas últimas décadas tem causado bastante polêmica relativa às crianças, em relação aos adultos trata-se de somar uma carência, no caso das crianças tenta-se prevenir, evitando que essas crianças se tornem futuros analfabetos. Ambas as tarefas são responsabilidade do Estado como membro das Nações Unidas (1948). Artigo 26 dessa declaração fala do direito à Educação. A Educação deve ser gratuita, no que se refere ao ensino fundamental. Sabendo o homem de seu direito a educação como tantos outros, no entanto não é respeitado na sua totalidade, devido certas prioridades ocorridas no sistema educacional. A falta de educação básica para toda população, como um dos males do sistema educacional gera a repetência escolar. A repetência e a deserção são os

fatores que provocam o analfabetismo na maioria da população da América Latina. Muitas vezes caberia perguntar qual seria a causa que leva o indivíduo a repetência, deixando está marca para o resto da vida, seu fracasso seria sua incapacidade de aprender, ou um sujeito responsável pelo seu próprio abandono, ao estudar o problema fez se uma abstração da realidade em que o individuo insere. Porém ao analisamos as estatísticas viu que nenhum desses problemas encontra proporcionalmente entre a população, senão por razões étnicas sociais, econômicas ou geográficas.

Seria interessante analisar o motivo que causa o fracasso escolar. No caso das crianças que mora nas zonas rurais que são impedidas de freqüentar a escola regularmente devido à distância, poderá levar até o abandono. Pois se trata de condições sociais não de responsabilidades pessoais, a questão da repetência sempre atingiu mais as primeiras séries onde poderá dar continuidade ao processo de aprendizagem, por obedecer a atitudes individuais, coincidem do individuo a circunstancias econômica social que dificultam o permaneci mento dentro do sistema escolar.

*“Em outras palavras, trata-se mais de um problema de dimensões sociais do que da conseqüência de vontades individuais. Por essa razão, acreditamos que em lugar de “males endêmicas”, deveria se falar em seleção social do sistema chamá-lo expulsão encoberta. E não se trata de uma mudança de terminologia, mas de um outro referencial interpretativo, porque a desigualdade social e econômica se manifesta também na distribuição desigualdades educacionais”. (FERREIRO, TEBEROS KY, 1999, p. 20).*

Ao falar das relações sociais não se refere o docente, educador, mas o papel social do sistema educativo o ponto de vista dos professores ou que seja da pedagogia que venham a sustentar a ação educativa sempre tentou buscar solução para os problemas mencionados.

## CAPÍTULO II

### PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E A ESCRITA

A alfabetização tem sido uma questão bastante discutida por aqueles que se preocupam com a educação escolar, tendo em vista ser um campo do conhecimento que tem expressado bastante dificuldade desde os primeiros tempos. Este campo continua sendo um dos mais sérios problemas na prática pedagógica, de vez que se trata da aprendizagem básica que encaminha o indivíduo para os demais campos do saber que dependem da escrita. (CACGLIARI, 2003; FERREIRO e TABEROSKY, 1999).

*“No caso do desenvolvimento da leitura e escrita, a dificuldade para adotar o ponto de vista da criança foi tão grande que ignoramos completamente as manifestações mais evidentes das tentativas infantis para compreender o sistema de escritas: as produções escritas das próprias crianças. Até a poucos anos as primeiras tentativas feitas de escrever, feita pelas as crianças eram consideradas meras garatujas como se a escrita devesse começar diretamente com letras convencionais bem traçada.” (FERREIRO, 2001, p. 68).*

O processo de construção da escrita para a criança começa antes de entrar na escola. Esta precisa atender a sua função da escrita, para que ela serve. Quando a criança nasce já entra em processo de alfabetização.

A criança ao chegar à escola, o educador precisa dar continuidade na alfabetização, dando oportunidades á ela de construir seu conhecimento em vez de dar tudo pronto, pois é na escola que algumas crianças têm acesso a material impresso,

devido à diferença de classe social. Por isso é interessante a compreensão do professor desde o início da escolarização do aluno, procurar entender e interpretar as garatujas e escrita das crianças, oferecendo atividade adequada a cada nível, assim elas poderão criar as suas hipóteses de escrita, crescendo seu conhecimento intelectual.

*“Na melhor das hipóteses era considerada como atividade puramente gráfica, relevante par a verdadeira escrita apenas na medida em que conduzia a um crescente controle dos instrumentos e espaço gráfico. Não se supunha que a execução de tais garatujas ocorresse simultaneamente com algum tipo de atividade cognitiva.” (FERREIRO, 2001, p. 68-69).*

O aluno alfabetizando precisa entender a diferença e peculiaridade desses dois processos de aquisição da lacto-escrita o sistema da linguagem falada e escrita.

No processo de construção do conhecimento o alfabetizando vivencia níveis conceituais nos dois campos: oralidade e escrita são processos que se inter-relacionam no sistema de representação simbólica, apresentando especialidade no campo do ler e do escrever, que nem sempre se dão na mesma velocidade, pois acontecem casos em que o indivíduo aprende a ler, mas não sabe escrever.

*“A escrita não é um produto escolar, mais sim um objeto cultura, resultado do esforço coletivo da humanidade”. Como objetivo cultural a escrita cumpriu diversas funções sociais e tem meios concretos de existência (especialmente nas concentrações urbanas). O “escrito aparece para as crianças, como objeto com propriedades específicas e como suporte de ações e intercâmbio social”. (FERREIRO, 2001, p. 43).*

As crianças que chegam á escola com um bom repertório de letramento e um conhecimento amplo sobre a leitura e a escrita, avançarão com mais facilidades do que outras que têm um repertório menor. Os alunos costumam chegar à escola com nível de aprendizagem muito diferentes uma da outra. Quando isso acontece, é fruto da nossa cultura e de uma sociedade desigual.

A própria criança vai descobrindo a propriedade do sistema de escrita através de um prolongado processo de construção independente de sua classe social. Segundo a pesquisa psicogenética de Piaget, para compreender os processos de conhecimento no caso em particular da linguagem escrita.

*“Aqui, como em outros campos do desenvolvimento cognitivo, encontramos grandes diferenças individuais: algumas crianças chegam a descobrir os princípios fundamentais do sistema antes de iniciarem a*

*escola, ao passo que outras que estão longe de conseguir fazê-lo.” (FERREIRO, 2001, p. 44-45).*

É importante que o professor saiba respeitar o nível de aprendizagem de cada aluno, preparando atividades de acordo com a sua hipótese de escrita, organizando material e dando oportunidades, onde ele possa construir seu próprio conhecimento e estar evoluindo intelectualmente de acordo com a sua capacidade cultural.

O professor precisa considerar a possibilidade de existirem nível diferente de organização intelectual. As escritas produzidas pelas crianças refletem etapas de processos de aquisição. Ao motivar a criança, usa aspectos ligados a interesse que de prazer os aspectos intelectuais, a criança se interessa mais por aquilo que tem chance de maior compreensão, estando de acordo com seu nível de desenvolvimento. Essa compreensão depende da possibilidade de ajustar

*“Regularmente aparição da escrita Quando procuramos compreender o desenvolvimento da leitura e escrita do ponto de vista dos processos de apropriação de um objeto socialmente constituído (e não do ponto de vista da aquisição), buscamos ver se havia modos de organização relativamente estáveis que se sucedia em certa ordem. Agora sabemos que existe uma série de modos de representação que precedem à representação alfabética da linguagem; sabemos que esses modos de representação pré-alfabéticos se sucedem em certa ordem: primeiro vários modos de representação alheios a qualquer busca de correspondência entre a pauta sonora de uma emissão e a escrita; depois, modos de representação silábicos (com ou sem valor sonoro convencional) e modos de representação silábico-alfabéticos que precedem regida pelos princípios alfabéticos”. (FERREIRO, 2005, p.10).*

Conforme os relatos anteriores, seria bom que os adultos, educadores e professores procurassem compreender melhor e interpretar o processo e o desenvolvimento da escrita e da leitura das crianças, e soubessem analisar, colaborando com material gráfico. Procurando oferecer uma boa representação de símbolos, de maneira que cada criança desenvolva o processo da leitura e escrita sem problemas cognitivos, dando oportunidades à ela de construir seu próprio saber.

De acordo com (FERREIRO, 2005), a principal fonte de inspiração para a pesquisa sobre leitura e escrita e a de Piaget, infantiliza a interpretação como simples invocação, sem saber de onde estava à influência piagetiana clínica utilizada, o fundamental dessa teoria é que guiou suas investigações epistemológicas e

psicológicas de como se passa o estado de menor conhecimento para maior conhecimento. É importante conhecer o problema central é compreender os processos de passagens de uma organização conceitual a outra, procurar explicar a construção do conhecimento. Ao procurar compreender o desenvolvimento da leitura e escrita, do ponto de vista do processo, apropriação de um objeto socialmente construído. Percebe que há vários modos de representação que precedem a representação alfabética da linguagem, a representação pré-alfabético, aparece em certa ordem, por vários tipos de representações alheias a qualquer busca de correspondência entre a pauta sonora de emissão e a escrita, vem depois representação silábicos (com ou sem valor sonoro convencional). Estas representações silábicas são precedidas ao regulamento a aparição da escrita regida pelos princípios alfabéticos. Em suas pesquisas procurou investigar em que classe de objeto de conhecimento a escrita pode ser para o sujeito em desenvolvimento, deparou com grandes problemas cognitivos descritos. Porém há problemas cognitivos que parecem evidentes onde a criança enfrenta problemas de classificação ao procurar compreender a representação escrita. *“Pelo que dissemos torna-se claro por que estas tentativas de coordenação entre o todo e as partes são instáveis e por que requerem um esforço cognitivo considerável”*. (FERREIRO, 2005, p.12).

Segundo (SILVA, 2003), a escrita é considerada como um sistema de representação da língua, sendo aprendizagem significativa à apropriação de um novo objeto do conhecimento. O fundamental no processo de alfabetização é a compreensão da estrutura do sistema alfabético, enquanto representação da língua. Enfatiza que a criança no início de seu processo de alfabetização não espera encontrar transcritas todas as palavras do texto oral. Ela acha que o texto escrito serve para provar ou sugerir à emissão oral, no primeiro nível a criança espera que somente os substantivos estejam escritos: nomes e objetos, mesmo que leia o texto completo. Na sua imaginação para se escrever se usa o mínimo de letras. Nisso ela está evoluindo e passa considerar todos os elementos da linguagem escrita. E chega a conceituação do adulto, supera as outras etapas e abandona suas hipóteses anteriores.

*“Dentro dessa perspectiva, consideramos que no início do processo de alfabetização, as palavras consideradas pelas crianças como protótipo da escrita são os substantivos (nomes próprios, comida, bichos, brinquedos*

*etc.), que devem ter no mínimo três letras também uma variedade delas. Para crianças, as palavras são escritas com diferentes letras, sem repetição". (SILVA, 2003, p.13).*

A criança evolui gradativamente dentro de cada nível de aprendizagem no pré-silábico, caracteriza por uma busca de diferenciação entre as escritas produzidas, sem uma preocupação com as propriedades sonoras das escritas, a criança explora tanto critérios quantitativos variando a quantidades de letras de uma escrita para outra tentando obter escritas diferentes ou usam critérios qualitativos; procura variar o repertório das letras ou a posição das mesmas sem alterar a quantidade. O nível silábico a criança faz correspondência entre a representação escrita das palavras e suas propriedades sonoras. Descobre a quantidade de letras que precisa para escrever uma palavra e a correspondência com a quantidade de partes que se reconhece na emissão oral. *"A hipótese silábica é uma construção da criança, que não é transmitida pelos adultos e pode coexistir com formas estáveis, isto é, palavras que a crianças aprendeu a escrever globalmente". (SILVA, 2003.p.15).*

A evolução do nível silábico-alfabético é o que a criança estabelecer as partes sonoras semelhantes entre as palavras se exprime por letras semelhantes. No nível silábico-alfabético existem duas formas de correspondência entre sons e o som produzido por uma emissão de voz, fonética ou fonemas, elementos sonoros da linguagem que tem nas letras o seu correspondente. Do mesmo modo se dá ao conjunto de letras que chamamos de alfabeto. A criança escreve parte da palavra aplicando a hipótese silábica, a criança pensa que para escrever uma sílaba precisa somente de uma letra. Já no nível alfabético a criança tem compreensão da escrita alfabética e faz a correspondência entre fonemas e grafias, onde representa todos os fonemas, e compreendem que uma sílaba pode ter uma, duas ou três letras. Porém a escrita deve ser trabalhada como um sistema de representação da língua que significa deslocar eixo de compreensão para os aspectos levantados.

*"A passagem da criança de um nível de conceitualização a outro está diretamente relacionado a uns conhecimentos anteriores". O tempo em que ela permanece num mesmo nível é muito variável; por outro lado, essa evolução não é linear, pois a criança passa por avanços e recuos durante todo o seu processo de construção da escrita, ainda que esteja diretamente relacionada com seu nível inicial nessa passagem que a Intervenção do professor pode ser observada" (SILVA, 2003, p. 17).*

Segundo (SILVA, 2003). faz necessária a intervenção do professor em sala de aula durante as atividades realizadas pelas as crianças, com a intenção de ajudar no seu processo de aprendizagem, com o objetivo de colaborar na elaboração do processo da leitura e da escrita. Neste sentido a intervenção deve ser feita com o sentido de fornecer o valor sonoro das consoantes que elas talvez não a conheçam, acredita se que a evolução das demais crianças poderia ser semelhante, uma vez que estivesse interagindo com o nível de conceitualização das crianças. Porém a passagem de um nível ao outro e um processo complexo, onde exigem diferentes esforços por partes de cada aluno. É recomendável que o professor não meça esforços para aprender observar, ver e entender a evolução da criança, e estar trabalhando a partir do nível de conceitualização delas. É importante que de a criança oportunidade de possuir uma teoria, uma hipótese, para poder ser aplicada e verificada, assim ela poderá caminhar em seu processo de aprendizagem, compreendendo o sistema de representação da escrita. Cabe ao professor saber entender a evolução do processo da criança, dando oportunidade a ela de construir suas próprias hipótese e avançar em seu conhecimento.

As pesquisas feitas na ultima década; mostram o quanto é importante à compreensão do professor na aprendizagem, e de como a criança aprendem, e conquista as características do processo de construção da língua escrita. (SEBER, 1997).

Os conhecimentos já construídos, e as características do objeto que gostaria de conhecer. Há criança que costuma antecipar a essa organização intelectual a possibilidade de integrar o estímulo atribuindo uns significados compreendem-no. A criança percebe a tarefa solicitada com possível assimilação formando um vínculo de interesse entre o que lhe é proposto e sua organização intelectual. Assim facilita o interesse pela aprendizagem. Através da escrita do próprio nome que, a criança verifica, tendo uma atitude essencial para que ela aprenda volta sua atenção para a própria linguagem, devido o nome próprio assumir no contexto uma função evolutiva da escrita, acentua-se a partir do momento que tal palavra ganha estabilidade. Ao refletir sobre a profundidade das palavras dentre as quais destacamos o próprio nome, a criança procura compreende melhor as suas composições silábicas.

*“Porque durante certo tempo, a atenção das crianças se volta para o conjunto das formas gráficas e não para o modo como as letras se relacionam na construção das palavras. É também por esse mesmo motivo que elas interpretam de maneira global o que escrevem inclusive o próprio nome. Por isso será em relação ao próprio nome que as crianças se sentirão desafiadas. Cabe ao professor aproveitar a situação conflituosa que a vive nesse momento, a fim de ajudá-la a elaborar conceitualmente a escrita. “Sem corrigir ou fazer pela criança o que ela tem condições de realizar por si só, o professor deve conduzi-la a entender o que ela realiza, pois só assim a aprendizagem será significativa para ela” (SEBER, 1997, p.111).*

Seber (1997), enfatiza que o professor deve propor possibilidade de entendimento da criança procurando conduzir a criança, a raciocinar sobre suas ações, adaptando o que deseja as condições intelectuais dela. A criança costuma adotar procedimentos, numa determinada etapa do processo de aquisição da língua escrita, um deles, por sua vez muito significativa para ela, são as repetições várias vezes, com pausa de uma palavra. Ora ela faz isso antes de escrever, ora no momento da leitura. É o que resulta na divisão de sílabas das palavras. Durante certo período, aparece essa divisão no acampamento do procedimento anterior de colocar qualquer quantidade de letras sem preocupar com a extensão das palavras. De modo que os recortes silábicos são feitos antes da escrita e não no momento da leitura.

É a partir da oralidade, que a criança chega ao número de sílabas das palavras que pretende escrever. De pouco em pouco que as crianças fazem correspondências entre os segmentos e oralidades, ou seja, as sílabas expressadas oralmente somente com o tempo, que as correspondências progridem no sentido de serem antecipadas, sendo o que será escrito são pensadas antes. De forma que com antecipação crescem as chances de descobertas dos valores sonoros. Porém a criança termina diferenciando uma ou outra letra inserida nos recorte que faz no instante em que fala a palavra que sabe o que passa na cabeça da criança, antes mesmo de ela escrever. A possibilidade de a criança antecipar em pensamento o desenrolar de determinada ação dependendo dos avanços da própria capacidade representativa da criança e o nível de entendimento do que vai ser feito. Afirmo a autora, ao perceber o que às antecipações sempre dependeram do nível de organização intelectual. Prevendo a possibilidade de representar os nomes dos objetos, a criança faz uma linha continua levemente se rilhada ou ondulada. Essa antecipação pode se manifestar na forma de uma intenção verbalmente expressa. Afirmo ainda que qualquer traço que a

criança coloca sobre o papel é o professor perguntar a ela o que é isso ela responde o nome do objeto, ressalta ainda dois pontos importantes.

Em primeiro lugar, o vínculo entre certo nível de antecipação e certa etapa de desenvolvimento. A antecipação constituiu uma manifestação externa das condições internas de raciocínio da criança a respeito das próprias ações, nenhum professor tem varinha mágica, faz-se necessário o professor ter uma boa conversa com a criança sobre a tarefa realizada e descobrir o que ela pensa sobre suas próprias ações.

Procurar estimular novos avanços, o professor, percebe que o traço de sonoridade é atribuído ora só as vogais ora só as consoantes, isto é porque as crianças não reagem, a escrita de uma única maneira, quando isto ocorre à frequência de aparecimento das vogais, pode ser maior por que essas letras se destacam no instante do prolongamento das sílabas. Não significa que as consoantes não estão sendo utilizadas, vale lembrar que precisa conversar com os alunos desafiá-lo com perguntas e solicitações para que eles escrevam determinada palavra. Para ser usada intervenção pedagógica no que refere o desenvolvimento intelectual do aluno, seria recomendável que o professor conheça as etapas do processo de construção da escrita pela criança.

*“O ”educador deve” continuar propondo escritas, leituras, perguntas, desafios enfim estimular o raciocínio da criança para que ela evolua intelectualmente”. Ele “deverá agir assim se o objetivo for verdadeiramente à construção de conhecimentos novos” (SEBER, 1997, p. 128).*

O professor não deve estimular o aluno para dar qualquer resposta pronta, evitando treinamento, não acelerar o processo de aprendizagem, atrapalhando o desenvolvimento cognitivo da criança, corre-se o risco de bloquear e queimar etapas. De modo que para haver generalização é preciso compreender com clareza que a possibilidade de haver generalização só se enfatiza quando o conhecimento resulta de uma construção da criança. O Professor deve evitar condicionamentos e treinamento de palavras, estimularem o raciocínio, poderia notar que, aos poucos, as correspondências são antecipadas. A partir desse processo, com o tempo a criança chega ao traço de sonoridade, compreendendo o que realiza. Para chegar ao sistema de representação da escrita, é preciso construir outras hipóteses mais próximas das regras estabelecidas, atribuindo valores sonoros para quaisquer palavras.

*“Em se tratando da construção desse sistema, as reações infantis a serem valorizadas devem respeito as hipótese estivemos comentando. É isso que o professor deveria compreender, ou seja, o processo de elaboração e re-elaboração de hipótese. Será a parti desse entendimento que ele poderá orientar a criança para que ela possa no devido tempo, apresenta respostas que indique uma reflexão, mais profunda sobre a língua”. (SEBER, 1997, p. 130).*

De acordo com (SEBER (1997), a construção e reconstruções próprias das crianças são reflexão das últimas conquista, as correspondências um a um entre recortes orais e letras e a atribuição de valores sonoros. As crianças constroem e reconstroem suas próprias escritas usando sua própria capacidade intelectual. Elas por se mesma procura descobrir a quantidade dos recortes oral feitos, ao prolongamento, cada um deles muitas vezes consegue descobrir o valor sonoro de uma das letras, para isso e necessário definir o objetivo de investigação. Ter a compreensão da criança a respeito das compreensões silábicas do nome dela. Pedir a ela que escreva palavras que tenham letras que se encontra em seu próprio nome. Ao averiguar, como a criança se comporta para escrever palavras que tinham a mesma vogal em sílabas diferentes, só basta pedir a ela para escrever determinada palavra, e analisar interpretando-a de forma correta e obterá o resultado esperado, dentro de cada hipótese de escrita e). aprendizagem.

Segundo (FERREIRO, TEBEROSKY, 1999), descrever o que esta escrita é uma coisa, interpretar a escrita produzida é diferente. A investigação sobre a escrita da criança foi explorada de varias maneiras: Pedindo a criança que escrevem seu próprio nome, e o nome de alguns amigos ou de alguma pessoa de sua família, e desenhar situações de inicio referente aprendizagem escolar, e outras palavras desconhecidas, tudo isto pode ser explorado na evolução da escrita de uma criança, algumas crianças se negam de escrever, só que isto é muito raro.

No primeiro nível observou-se que escrever é reproduzir os traços da escrita que a criança identifica como a forma básica da mesma. Quanto à interpretação da escrita, ficaram claras, que intenções subjetivas do escritor contam mais que as diferenças objetivas no resultado. A autora enfatiza ainda o fato de todas as escritas se assemelham muito entre si, o que não impede que a criança as considere como diferentes. Visto que a intenção presidiu a sua realização era diferente, se caso quiser

escrever alguma palavra com intenção de transmissão isto não será possível, devido a escrito não funcionar como veículo de transmissão de informação por fato de cada um interpretar sua própria escrita.

Porém não a da outra, quando pedimos que interprete uma escrita nossa, ela responde não sei: porque cada um interpreta o que escreve.

Neste segundo nível, a hipótese central é ler coisas diferentes atribuindo significados diferentes havendo uma diferença objetiva nas escritas. De fato que o progresso grafismo é mais evidente é a forma dos grafismos são mais definidos, mais próximos à das letras. Pois o conceito mais interessante é o que se segue trabalhando com a hipótese de que faz falta certa quantidade mínima de grafismos para escrever algo com hipótese na variedade nos grafismos. Sendo que algumas crianças, a disponibilidade nas formas gráficas é muito limitada, são as únicas possibilidades de responder ao mesmo tempo todas as exigências, consistem utilizar a posição linear. E assim como as crianças expressam a diferença de significação por meio de variações de posição na ordem linear, descobrindo, dessa maneira, em pleno período pré-operatório, os antecessores de uma combinatória, o que constitui uma aquisição cognitiva notável.

No nível 3 está caracterizada pela tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita. Com esta tentativa, a criança passa por um período da maior importância onde cada letra vale por uma sílaba. Surge o que chamamos hipóteses silábicas. Através desta hipótese, a criança dá um salto qualitativo com respeito aos níveis precedentes.

Porém a mudança qualitativa consiste em que a criança supere a etapa de correspondência global entre a forma escrita e expressão oral atribuída, para passar a uma correspondência entre parte do texto (cada letra) e partes da expressão oral (recorde silábico do nome); pela primeira vez a criança trabalha claramente com a hipótese que a escrita representa partes sonoras da fala.

Segundo a autora A hipótese silábica pode aparecer tanto como gráficas ainda distantes das formas das letras como com grafias bem diferenciadas. Neste último caso, as letras podem ou não ser utilizadas como um valor sonoro estável. A

criança ao começar trabalhar com a hipótese silábica, duas das características importantes da escrita pode desaparecer momentaneamente, são as exigências de caracteres. Pois é possível ver aparecer novamente caractere idêntico, quando ainda não há valor sonoro estável para cada um deles muitas vezes a criança entre em conflito devido à quantidade mínima de caracteres e a hipótese silábica, e quando surge o problema mais interessante, em virtudes de suas conseqüências. É quando se trabalha com hipótese silábica, a criança esta obrigada a escrever somente duas grafias para as palavras dissílabas, em muitos casos, esta abaixo a quantidade mínima que parece necessária, o problema mais grave é quando se trata de substantivo monossílabo. Sem duvida, estamos aqui diante de conflito, cognitivo, devido à exigência de quantidade mínima de caracteres, para a criança chegar a certo resultado; em virtude da hipótese silábica que utiliza quando lê, encontra-se um excedente de que com duas letras não se pode lê. Então a criança procura interpretar o escrito de sua maneira, e mais tarde descobre o seu valor sonoro. Ao começar usar as letras com um valor sonoro silábico fixo, o conflito entre a hipótese silábica e quantidade mínima adquire novas características.

De acordo com (FERREIRA, TEBEROSKY, 1999), a hipótese silábica é uma construção original da criança, não pode ser atribuída a uma transmissão por parte do adulto. Não pode coexistir com formas estáveis aprendidos globalmente.

O nível 4 é o momento em que a criança passa da hipótese silábica, para a alfabetização. A interpretação neste momento é fundamental na evolução, da descoberta feita pela criança, abandona a hipótese silábica e a exigência de quantidade mínima de letras.

*“Nível 5\_A escrita alfabética constituiu no final desta evolução. Ao chegar a este nível, a crianças já franqueou a” barreira do código; compreendeu caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a silaba a realização sistematicamente uma análise sonoros fonemas das palavras que vai escrever. Isto não quer dizer que todas as dificuldades tenham sido superadas: a parti desse momento a criança se defrontara com as dificuldades da ortografia, mas não terá problemas de escrita, no sentido estrito. Parece-nos importantes fazer distinção, já que amiúde se confunde as dificuldades ortográficas com as dificuldades de compreensão do sistema de escrita. (FERREIRO, TABEROSKY, 1999, p. 219).*

Segundo as pesquisas de Ferreiro e Teberosky, (1999) com crianças de classe média e classe baixa, serviu para ter uma certa idéia global dos diferentes níveis das crianças, enfatiza a autora: algumas crianças produziram muitas escritas, e outras poucos. Sendo que as crianças de 4 anos classe média situam-se nos níveis 1 e 2. E nenhum chega ao nível 5; aos 5 anos, os sujeitos distribuem em todos os níveis 3. Têm mostrado também as enormes diferenças que se pode encontrar entre crianças da mesma idade e da mesma procedência social; aos 6 anos não há sujeitado.

Sendo que as crianças de classes baixas apresentam dados completamente diferentes, embora aos 4 anos estejam muito próximas das crianças de CB de supera o nível 3 aos 6 anos apresentam uma repressão, com respeito ao 6 anos CM. A duas razões principais, que parecem dar conta dessa regressão: pelo fato da maioria das crianças de classe baixa não freqüentar jardins de infância, e por outros lados, as razões das pesquisadoras, não ter sido possíveis, a realização de mais de uma entrevista com essas crianças, nas quais o bloqueio maciço frente a qualquer situação de matiz escolar é a norma, ao analisar as escritas, diferente das do nome próprio em crianças de CM, os resultados para os 4 e 6 anos são inteiramente concordante, aos 4 anos quase todos os sujeitos situam nos dois níveis; aos 6 anos tendem a situar-se nos níveis 2, já aos 5 anos em crianças CM, ao um avanço marcante da escrita e da interpretação do nome próprio em relação a das outras escritas. Relatam o sujeito de classe baixa de 6 anos, pois a maioria se nega a produzir escritas. Muitas vezes não se atrevem a explorar livremente outras possibilidades, pois alegam que não sabem, pensam que se aprendem copiando. Porém, da comparação dos grupos da idade igual de CM e CB, sujam algumas indicações interessantes, de fato que poucas crianças de CB que chegam a elaborar a hipótese silábica o fazem com que uma escrita na qual as letras dão sentido estrito e estão ausentes, ou com letras sem nenhum valor sonoro estável para cada uma; enquanto, as crianças de CM que elaboram a hipótese silábica utilizam já letras bem diferenciadas, com valor sonoro. O fato de que a criança possa chegar até a hipótese silábica, depende do meio onde ele possa progredir, processando novos conhecimentos e informações. Pela qual se chega à hipótese silábica com letras cujo valor sonoro e relativamente estável podendo ser determinante para o resto da evolução.

Segundo (FERREIRO 2005), as crianças no começo de sua aprendizagem escolar costumam repetir sílabas, saltar letras ou tomar mais de uma sílaba por vez para chegar ao final. O mesmo que fez quando estão contando objetos, às vezes repete os nomes dos números e salta os objetos deixando de fora alguns deles para chegar o final com mais rapidez. O procedimento se faz muito mais rigoroso, ela usa só uma sílaba para cada letra, sem repetir sílabas e sem omitir objetos. “No entanto se a hipótese silábica faz tão estrita, começa a cumprir outra função de esquema antecipatório começa a controlar a execução.” Por fato de no princípio do período silábica, a hipótese silábica serve para justificar uma escrita já realizada sem controlar a produção em si. Aos poucos ganham controle sobre a execução da ação, enquanto esquema antecipatório passa controlar o projeto de ação para saber quantas letras serão necessárias, então ela conta as sílabas das palavras antes mesmo de começar a escrever. O mais interessante é o fato de as crianças estarem resolvendo o problema de quantas letras da palavra; no entanto quais letras para uma palavra. Um dos problemas complexos e específicos do desenvolvimento, considera-se que as crianças devem resolver tanto problemas de correspondência quantitativa e qualitativa. Neste mesmo período elas acham que uma escrita não pode apresentar a mesma grafia mais de duas vezes. É que também uma letra só não dá para ser lida, desta maneira não pode obter algo “legível” com uma série composta com a mesma letra, repetida três ou mais vezes. É quando ela começa evitar a repetição da mesma letra ou a mesma grafema mais de duas vezes a mesma série de letras. Por que são necessárias algumas diferenças objetivas para ser interpretada de forma diferente.

Nisto começa haver uma mudança qualitativa, no desenvolvimento da criança quando começa a pensar que não se podem ler coisas diferentes com séries idênticas de elementos gráficos. Isto se torna importante, devido os meios para diferenciar séries de letras relacionadas são às vezes muito limitados, onde a busca de coerência interna é tão forte que, ao procurar resolver este problema, as crianças vão mais além do esperado.

*“O sistema de escrita que a criança encontra no mundo circundante não se acomoda a este esquema assimilatório. A criança compreende o que faz, mas não pode compreender o que os outros fazem. Também pelo meio ambiente é altamente perturbadora neste momento; nem toda informação era perturbadora antes. Frente a uma perturbação, três tipos*

*de reação são possíveis: pode-se deixa-la de lado, pode-se compensa-la localmente, ou pode-se assimila-la (que dizer compensá-la inteiramente através de modificações no esquema assimilatório, alcançando assim do nível de equilíbrio).” (FERREIRO, 2005, p.19).*

Quando as crianças são capazes de compreender e assimilar inteiramente diferentes esquemas de modificações, procurando alcançar assim um novo nível, para chegar à hipótese silábica, ela começa a reconstruir o sistema de escrita sobre bases alfabéticas. É importante compreender os mecanismos de interação, onde os resultados dificilmente podem ser caracterizados como simples reprodução, em nível individual em realidade social. Mediante o desenvolvimento da leitura e escrita considera-se como um processo cognitivo, há construção afetiva de princípios organizadores.

Uma teoria completa do desenvolvimento infantil da escrita adquire um significado preciso e definido dentro do marco teórico da teoria de Piaget. Ele enfatiza a importância da escrita do nome próprio no desenvolvimento da escrita de maneira que possa compreender a escrita como um processo de desenvolvimento da aprendizagem, enfocando os aspectos figurativos das produções escritas: coordenação motora como utilização de instrumento de escrita, tendência para produzir unidades simbólicas distintas, constrição no espaço, traçado correto das letras, escritas do nome. Afirmo a autora que os aspectos figurativos são importantes. Pois eles quase sempre foram considerados como os únicos aspectos relevantes para as produções escritas. Durante a pesquisa realizada pela autora, fez-se necessário colocar os aspectos figurativo em segundo plano permitindo a presença dos aspectos construtivos viessem à luz. Deixou-se claro que o sistema de escrita-como um objeto de conhecimento para a criança. Diz que a linguagem impressa e a oral não é imediatamente percebida pelas crianças. Até mesmo aquelas que crescem em um ambiente rico de materiais escolar, onde ela possa estar vivenciando objetos de alfabetização. Procurando compreender o conjunto de forma gráfica convencional com suas regras de composição de um sistema de escrita.

*“O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem duvida, em um ambiente social. Mas as praticas sociais, assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças. Quando tentam compreender, elas necessariamente transformam o conteúdo recebido. Além do mais, a fim de registrarem a informação, elas a transformam.*

*Este é o significado profundo da noção de assimilação que Piaget colocou no âmago de sua teoria.” (FERREIRO, 2005, p.22).*

De acordo com FERREIRO e TEBEROSKY (1999), o indivíduo para aprendizagem da língua escrita precisa estar com os fatores relacionados positivamente bem: lateralidade espacial, discriminação visual, discriminação auditiva, coordenação viso-motor, boa e articulação, etc. Se uma criança estiver com seu equilíbrio emocional adequado e os demais fatores, provavelmente aprenderá a ler e escrever sem dificuldade, em fim se tudo estiver bem à aprendizagem da lectoescrito será satisfatório. Dentro da teoria de Piaget o sujeito cognoscente, o sujeito que busca adquirir conhecimento, procura fazer suas próprias descobertas e ativamente compreender o mundo que o rodeia e resolvem as interrogações surgidas, e são transmitidas por alguém que possui um conhecimento mais amplo que é transmitido a ele, através de benevolência. *“É “um sujeito que aprende basicamente através de suas próprias ações sobre,” o objeto do mundo, e que constrói suas próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo em que organiza seu mundo” (FERRERO, TABEROSKY, 1999.p.29).*

Mesmo o sujeito, tendo todos os fatores relacionados acima equilibrados, precisa também crescer num ambiente que favoreça o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. Onde ele possa estar em contato com a língua escrita. Servindo de referencia assimilatório no processo de aprendizagem, visto que a criança que desde muito cedo, vivem em ambiente alfabetizador, certamente terá mais oportunidade de aprender a ler e escrever e interpretar a escrita e o mundo que a rodeia. De modo que nenhuma aprendizagem tem um ponto de partida, mais o sujeito é o próprio ponto de partida da aprendizagem. Em função de seus esquemas assimilatório.

Segundo (COLELLO 2004), faz-se necessário que a criança compreende a escrita como um sistema de representação da fala, que entende o simbolismo letras independente do objeto que resulta na descoberta de que a escrita é o desenho das palavras; isto é da sua estrutura sonora. A criança ao compreender o caráter fonético da escrita não garante que ela, domina o sistema. Devido particularidade do sistema que foge de sua compreensão, no caso do valor fonético de algumas letras, que uma letra tem som de outra, isto traz algumas duvida para as crianças que estão no processo de aprendizagem da língua escrita. A criança precisa compreender a

diferença, as particularidades e a distancia entre esses dois sistemas de linguagem. De vez que a hipótese da escrita como pura transcrição sonora da fala, a criança como todo, resta compreender a natureza e o funcionamento próprios do novo sistema de representação.

*“O processo de construção da língua escrita é na verdade, muito mais complexo do que supõem os educadores que, ingenuamente, insistiam em ensinar o abecedário, as famílias silábicas e a associação de letras para a composição de palavras, sentenças e textos. A capacidade de ler e escrever não depende exclusivamente da habilidade do sujeito em somar pedaços de escritas, mas, antes disso de compreender como funciona, a estrutura da língua e o modo como é usada em nossa sociedade”. (COLELLO, 2004, p. 27).*

A escrita pré-silábica se dá pelo fato da criança não compreender o caráter fonético do sistema, ela se torna impossível de ser analisado nos seus elementos constitutivos (letra ou sílabas). Essa forma de escrever mostra que a criança compreende o caráter arbitrário do traçado gráfico. Em vez de escrever costuma desenhar, ou inventar letras, por fato de não conhecer as letras, convencionalmente, ela cria seu próprio sistema de escrita, onde não tem nenhuma relação com o valor sonoro do que se pretende representar. Quando usa escritas de letras convencionais, mais sem valor sonoro. A criança ao passar pela escrita silábica, representa um grande avanço, nisso a criança já compreende que o sistema é uma representação da frota. É quando ela faz valer uma letra para cada sílaba. A variação da escrita silábica pode ocorrer com a presença das letras convencionais, ou inventadas, usados com ou sem valor sonoro, fonético convencional. Já na escrita silábica-alfabética, o indivíduo passa por grandes conflitos, pelo fato de já perceber a ineficácia do sistema silábico, mas ainda não domina o sistema alfabético, ela faz várias tentativas, costuma acrescenta letras, no entanto termina usando os dois critérios, ora silábico-alfabético ora alfabético. Mesmo a criança conquistando a escrita alfabética, compreendendo o valor sonoro de cada letra, ela ainda pode estar distante da escrita convencional, por vez que não domina as regras do nosso sistema. No entanto esta criança ainda tem um longo caminho para ser percorrido. Estas tentativas de hipótese de escrita revelam o caráter essencialmente criativo da construção do saber. Porém por traz destas tentativas, de produção existem uma finalidade de concepções. Já formadas, de critérios inteligentes onde há um sujeito pensante que de algum modo, promovem a evolução.

Segundo (FERREIRO 2005), um processo de construção envolve processo de reconstrução e que os processos de coordenação, integração e diferenciação, também são processos construtivos. Enfatiza que grande parte do que aprenderam sobre o que as crianças pensam sobre o objeto de escrita tem sido mais em função das análises de suas produções escritas que de análises de seus atos de interpretação de escritas produções por outros. Relata – se que os dados que parecem mais adequados para trabalhar e um dado múltiplo onde compreende: as condições de produção, a intenção do produtor, o processo de produção, o produto e a interpretação que o autor do produto dá a esse produto. Uma vez produzido. Vale lembra que não pode se isolar nenhum dos componentes do processo de produção, e avaliar uma única escrita, produzida por uma criança pequena, é necessário cotejar varias produções escritas e conhecer a condições de produção, o processo de produção e a interpretação deve ser dada pelo o sujeito. No caso da língua escrita, é possível falar de processo de produção podendo identificar a existência de conceitualizações infantis; não é possível explicar, a leitura direta dos dados do ambiente, o que seja a transmissão de outras de suas alfabetizações. Um problema muito conhecido da aprendizagem da aquisição da língua escrita e da quantidade mínima de caractere. Elas costumam usar a quantidade de caractere, porém isto não estar de acordo com o ensino sistemático por aqueles que se diz alfabetizado. Em qualquer língua. As crianças ao fazer suas descobertas, para novos conhecimentos entram conflito. Que elas próprias ajudam a engendrar. A busca das relações de precedências construtivas, não deve ser confundida; com a busca de erros progressivos. Existem pesquisadores procurando erros progressivos dentro das conceitualização infantis com respeito ao sistema de escrita que a criança tenta aprender.

*“Em uma visão construtivista o que interessa é a lógica do erro: trata-se às vezes de idéias que não erradas em si mesma, mas aparecem como errôneas porque são sobre generalizadas, sendo pertinentes apenas em alguns casos, ou de idéias que necessitam ser diferenciadas ou coordenadas, ou, às vezes, idéias que geram conflitos, que por sua vez desempenho papel de primeira importância na evolução. Alguns desses conflitos entendemos muito bem; esperamos entender melhor outros em um futuro não muito distante.” (FERREIRO, 2005, p. 82.).*

Enfatiza ainda o fato da exigência da quantidade mínima de letras, que na qual foi documentada, desempenha inicialmente a função de manter uma diferenciação

entre as partes e a totalidade. Porém as crianças costumam fazer uma distinção extremamente pertinente. Onde uma letra para construir essas totalidades. As letras são os elementos com as quais permitem construir algo interpretável, de modo que essa mesma exigência de quantidade mínima, mais adiante, estará desempenhada outro papel e gerando novos conflitos para o aprendiz. As crianças ao começar entrar no período de fonetização da escrita, já começam a compreender que há uma relação entre a pauta sonora da palavra e o que se escreve, ainda não tão clara para ela. No momento da busca de uma correspondência entre partes da emissão e partes da representação. Aos poucos vão descobrir em palavras, as partes e para uma ou duas partes coloca então uma ou duas letras. Como pensa que com uma ou duas letras não pode ler o escrito é quando ela acrescenta mais. Então surgem os problemas de vez, colocar letras de mais, pode ocorrer também o inverso. Mediante esta situação gera conflitos que constituem desafios para elas próprias. Deixa clara a questão da fonetização da escrita que inicia quando as crianças começam a busca de relação entre o falado e o escrito, para chegar aos aspectos sonoros da fala. Tratando de compreender, outro nível, a relação entre o todo e as partes constitutivas.

*“Os processos de construção sempre supõem reconstrução; no entanto, o que é que se reconstrói? É preciso reconstruir um saber construído em certo domínio para aplicá-lo a outro; há reconstrução de um saber construído previamente com respeito a um domínio específico para poder adquirir outros conhecimentos do mesmo domínio que, de algum modo, têm sido registrado sem poder ser compreendido; também há reconstrução do conhecimento da língua oral que a criança tem para utilizá-lo no domínio da escrita”. (FERREIRO, 2005, p. 87).*

KLEIN (2002) retrata a questão da natureza da língua escrita, por ser importante tem sido bastante discutido em nossa cultura. Sendo um aspecto importante porque determina a aprendizagem da linguagem escrita, visto sua grande exigência mais que a simples imitação dos adultos escritores, diferente que ocorre com a aquisição de outros conhecimentos. Pelo fato de seu caractere duplamente simbólico do código da escrita, decifração desse código - que demanda o conhecimento dos valores convencionais atribuindo seus elementos, para isto precisa da interferência do professor, no sentido de esclarecer os critérios dessa convenção. Até que o aprendiz adquire uma boa influência no alto da escrita, devido os elementos que atribuem o código da escrita não ser facilmente inidentificáveis pelo aprendiz. Visto que é um

código pela qual estabelece a partir de elementos cuja função, de reconhecimento, através de analogia. Garantindo uma significativa possibilidade de compreensão. Enfatiza que não precisa de muito esforço para uma criança compreender o significado de determinado desenho pelo o fato de os elementos convencionais do desenho ser facilmente percebidos as suas semelhanças de traços visuais entre a representação e a coisa representada. Devido o enquanto a representação pode ser facilmente identificável, os traços, contorno formais que permitem a percepção da coisa desenhada. Enquanto a aprendizagem da linguagem oral se depara mediante de um acréscimo de dificuldade, onde geralmente, precisa utilizar canais de percepção á sua representação. De fato a incidência com que se produz, diante do aprendiz, a relação significante/ significado faz permiti o aprendiz sem maiores esforços de sistematização a se apropriares desse código.

No que se refere à escrita, temos um código de decifração que obriga a transitar em dois canais diferentes, e nem sempre o processo, audição e a visão. Visto que a escrita não representa diretamente o objeto que na qual se refere diretamente o objetivo que na qual se refere, mais sim a representação do enunciado oral, enquanto o desenho representa o objeto, é a escrita representará a unidade sonora da língua portuguesa, referente ao objetivo a ser representado.

*“Evidentemente, é o significado (ou seja, o conteúdo) do discurso que determina o código. No entanto, ninguém produz um significado escrito, senão usando o código, é a maneira como eu o uso determina, também, a possibilidade de expressão daquele conteúdo. Assim de tal forma se relacionam ambos os aspectos, que não e dado toma-los isoladamente. A apreensão de um demanda, necessariamente, o concurso do outro.” (KLEIN, 2002, p.104).*

Enfatiza pelo fato de o processo ir muito além da limitação do individuo e objeto, de vez requer uma relação de homens, onde os membros da sociedade já inseridos numa determinada praticam, dando oportunidade o aprendiz dela se apropriará. No caso da escrita, exige ainda maior sistematização nessa relação. Como também na alfabetização, ocorrem também outros conhecimentos o uso social também não se realiza em todos os homens. Defende-se a idéia, o processo de conhecimento uma dimensão de transmissão, quanto o de construção, retrata a questão de ensino, aprendizagem entre sujeitos sociais relação na qual professor e aluno se identificam

enquanto sujeitos, de uma relação humana, mas enquanto pólos se distinguem desta relação. O que transparece é que a questão ensino-aprendizagem não está suficientemente clara. Tratando de processos, o ensino e aprendizagem visto que não guardam identidade; um não é a reflexão do outro, devido o aprendido não mecanicamente ensinado, como deveria ser, portanto o ensino e aprendizagem estão em relação, mas uma relação articulada, porém o aprendiz nem sempre aprende o que é ensinado, mas por ter sido ensinado, aprendeu a partir do que foi ensinado. É muito importante saber como a criança aprende, da mesma maneira que os homens usam e produzem nas suas relações sociais determinadas objetos, por isso é interessante compreender como se aprende, como se ensina, e entender o objeto que pretende ensinar, e que aprofunda esta compreensão, de modo que haja uma boa organização sob uma única determinação. A forma de como o homem produz, implicará na questão da alfabetização.

*“A escrita lhe apresenta desafios intelectuais, problemas que terão que resolver precisamente para chegar a entender quais são as regras de construção interno do sistema”. (FERREIRO, 2005, p. 32).*

De acordo com (FERREIRO 2005). Há crianças que chegam à escola sabendo ler e escrever ainda sabendo sua função social, e para que sirvam a escrita no dia a dia, essas crianças começaram alfabetizar muito antes de entrar na escola, portanto na escola elas terminam sua alfabetização, tiveram oportunidade da possibilidade de entrar em contato, com a língua escrita. Enquanto outras crianças, principalmente de classe menor favorecida que necessitam da escola para apropriar-se da escrita, essas, no entanto, não lhes permitem apropriar dela, porém acabam se excluindo da escola por falta incentivo do adulto. A criança precisa ter compreensão da representação da linguagem que corresponde aos sistemas alfabéticos da escrita compreender as funções sociais da escrita, que determinam diferença na organização da língua escrita, a importância e que pode ser encontrado por escrito nos múltiplos objetos sociais que são portadores de escrito. As crianças são alfabetizáveis a partir do momento que descobre, através dos contextos sociais que a escrita é um objeto interessante no seu cotidiano. A partir de então dedicam seus melhores esforços intelectuais. Quanto o processo de aquisição de a língua oral mostrar que repetição se

limita o processo de aprendizagem da criança, e as crianças aprendem muito mais construindo do que repetida o que os outros fazem. Deixa clara que as tentativas das crianças são muito importantes no processo de aprendizagem da língua oral e escrita, para construir uma representação é importante nessa aprendizagem que as crianças tentam escrever algo para representar a língua oral, cabe ao professor tratar de interpretar e entender o que a criança disse. As crianças através de suas tentativas aprendem falar e entender a fala dos outros. Pois as metodologias tradicionais condenam o erro, supondo que só aprende através da produção correta, não acredita que os alunos constroem seu próprio saber, portanto na língua escrita a criança aprende construindo de acordo com suas próprias condições que favorece o meio em que vive. Sendo que na língua oral não se aprende uma sílaba, nem uma palavra por vez. As palavras são aprendidas e definidas com base na necessidade do momento. As crianças procuram ir sistematizando o que aprendem da língua oral e escrita em todos os conhecimentos.

### **CAPÍTULO III**

#### **O CONTATO DA ALFABETIZAÇÃO NO PRIMEIRO CICLO**

Os dados que serão apresentados neste capítulo foram coletados junto a uma turma do 1º ciclo de uma escola pública do município de Rolim de Moura e com as famílias das crianças desta mesma turma.

A escolha da escola e da turma foi determinada pelo conhecimento previa que já havia tido da mesma, uma vez que no decorrer deste mesmo curso, já havia trabalhado na referida escola. O que impressionou foi o trabalho de uma alfabetizadora. De uma classe de alfabetização, visto que foi um trabalho produtivo, gostaria de conhecer melhor e ao mesmo tempo poder relatar práticas bem sucedidas.

Tendo em vista que, conforme em capítulos anteriores, a articulação que o professor deve fazer entre as experiências vividas pelas crianças em seu dia-a-dia e os conhecimentos a serem ensinados pela escola, é fundamental para o sucesso na aprendizagem, a análise buscou investigar e como a professora da série observada consegue fazer esta articulação. O que interessa, saber é se a escola está considerando as formas concretas de vida destas crianças, suas experiências em diferentes contextos culturais uma vez que, segundo a teoria a escola precisa acreditar que eles chegam até ela com conhecimentos prévios que, se forem devidamente valorizados contribuindo para as aprendizagens solicitadas pela escola.

Para desenvolver a pesquisa, foram utilizados três instrumentos para coleta de dados: observação em sala de aula e na escola, questionário e entre vista.

As observações em sala de aula foram realizadas no período de 9 meses e cada atividade observada foi registrada em fichas próprias.

Para o registro das demais situações observadas, utilizou-se um caderno de campo, que foi útil para guardar depoimentos dos alunos, situação não prevista condições da escola.

Quanto os dados relativos à família dos alunos observados foram obtidos através preenchimento de uma ficha-questionário e entrevista.

As informações sobre as professoras bem como sua prática, foi obtida através de conversas informais durante o decorrer da realização deste trabalho na escola e também por meio de uma entrevista baseado em um roteiro prévio que foi sendo realizado também de forma informal como diálogo com as professoras envolvidas.

Uma vez que os dados obtidos sobre o trabalho de professora “X” limitam-se 9 meses de observação. 2 vezes por semana, sendo 2 horas por dia. Com objetivo de observar a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos com relação à escrita e suas hipótese.

A escola observada pertence à rede estadual de ensino e esta situada em um bairro de classe baixa. Com um prédio em bom estado de conservação, possui 17 (dezessete) salas de aula, além de sala para secretaria e diretoria, supervisão, professores, vídeo e biblioteca, esta composta basicamente, por livros didáticos, livros de pesquisas, literaturas, literaturas infantis, historias infantis e outros, e ainda um cozinha e sanitários femininos e masculinos.

O pátio amplo serve para reunião recreação e reforço, conta também com uma quadra coberta para suas atividades de educação física e jogos. A escola funciona de primeira série ao ensino médio. Sendo que 07 (sete) turmas são de ciclo básico, 04 (quatro) 1º e 03 (três) 2º série. A sala de aula observada é composta por 20 alunos com idade que variam de 06 a 09 anos

A escola observada pertence à rede estadual de ensino e esta situada em um bairro de classe baixa. Com um prédio em bom estado de conservação, possui 17 (dezessete) salas de aula, além de sala para secretaria e diretoria, supervisão, professores, vídeo e bicicleta, esta composta basicamente, por livros didáticos, livros de pesquisas, literaturas, literaturas infantis, historia infantil e outros, e ainda um cozinha e sanitários femininos e masculinos.

Estes alunos provêm de famílias pobres que residem no próprio bairro, onde a maioria destes tem suas mães que trabalham fora para ajudar no sistema da renda familiar.

Com relação à escolaridade dos pais, constata-se que 20% cursaram até a 4ª série, 30% chegaram até a 5ª série, 15% conseguiram chegar até a 8ª série, 30% concluíram o ensino médio e 5% estão cursando o ensino superior, o que influencia na renda familiar que oscila de um a três salários mínimos, atua em profissões como: pedreiro, porteiro, vendedor, lavadeira, costureira, servente, empregada doméstica entre outras.

Mas os dados mais interessantes para os fins deste trabalho dizem respeito à presença de matérias escritas na casa destes alunos, a maioria das famílias pesquisada afirmou que tem materiais escritos em casa como: livros didáticos, revista, jornais, historia infantil, contos, fábulas, gibis e outros. Alguns apontaram também a bíblia, uma vez que a bíblia, como o objeto sagrado dificilmente fica ao alcance das crianças. Elas disseram que gostam de ler e costumam ler para seu filho.

De modo que os materiais escritos, impressos, ao alcance das crianças desde antes da entrada delas na escola ajuda no desenvolvimento de sua aprendizagem.

*“A criança que cresce em um meio “letrado” está exposta” à influência de uma série de ações. E quando dizemos ações, neste contexto, queremos dizer interações. Através das interações adulto-adulto, adulta-criança e criança entre si, criam-se as condições para a inteligibilidade dos símbolos. A experiência com leitores de textos informa sobre a possibilidade de interpretação dos mesmos, sobre as exigências desta interpretação e sobre as ações pertinentes, convencionais estabelecidas. Aqueles que conhecem a função social da escrita dão-lhe forma explícita e existência objetiva através de ações inter-individuais. “A criança se vê*

*continuamente envolvida, como agente e observador, no mundo "letrado". (FERREIRO, 2001, p.59).*

Enquanto os mesmos dados constatarem que os demais pais das crianças das famílias pesquisadas não têm materiais escritos em sua casa como: livros revistas e jornais, não gostam de ler ou até mesmo não tem tempo nem tem hábito de ler para seus filhos. Isso causa uma defasagem na criança desde sua entrada na escola. Porém criam diferentes níveis de aprendizagem em salas de aula, referindo as turmas das famílias pesquisadas. De vez que quando a família não oferece um ambiente alfabetizador, com materiais escritos exposto no alcance das crianças, isso, cabe a escola de fazer seu papel, oferecer materiais como: livros, revistas e historias infantil, enfim tudo de interessante que chama atenção das crianças no que diz a respeito da leitura e escrita. Faz necessário que o professor compreenda e entenda estas diferencias em sala de aula. De fato que a sociedade também esta vivendo um grande conflito econômico, a mais atingida são as classes populares pelo fato de ser a menos favorecida, e termina afetando a aprendizagem de seus próprios filhos. Mesmo encontrado este materiais expostos nas ruas, porém isto não é tudo, devido a falta sistematização para facilitar a construção do processo de escrita na aprendizagem das crianças.

*"E para isso é preciso que a ação docente se dê no sentido de provocar múltiplas interações das crianças com os materiais que estão em exposição e, mais que tudo, propondo situações de uso da linguagem escrita". Este nos parece o grande problema da alfabetização das crianças das classes populares, freqüentemente filhas de pais analfabetos ou semi-analfabetos e pouco expostos à situação de uso da escrita, embora vivam em sociedades letradas e, portanto, esteja exposta a grande variedade de materiais escritos, nas ruas, na televisão, nos supermercados. "O que não convivem em seu cotidiano é com o uso da escrita, o que lhe possibilitaria ir construindo o sentido da escrita" (GARCIA, 2004, p.144).*

Os dados apresentados referente às professoras entrevistadas do 1º ciclo além da sala observada constatarem que as professoras alfabetizadoras variam de 03 a 20 anos de experiências em sala de alfabetização, são pedagogas com habilitação nas séries iniciais, e especialização em alfabetização, outras com especialização em Psicopedagógica, o que favorece na compreensão de suas praticas em sala de aula.

Todas demonstram muita dedicação pelo seu trabalho em sala de aula, tanto quanto a professora da sala observada, trabalha com materiais tipo: poesia,

fábula, conta de fada, adivinha par lenda, música infantil que sabe de cor, história em quadrinho, texto em informativos e instrucionais etc. Ler diariamente em sala de aula, leituras de diferente gênero. Cria momento de leituras onde todos tenham oportunidade de ler individualmente e compartilhar suas leituras com os colegas, na medida do possível leva na biblioteca ou faz em empréstimo de livro para ler em sala de aula.

*“O processo de alfabetização inclui muitos fatores, e quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição. De conhecimento, de como a criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem evoluindo o seu processo de interação social, da natureza da realidade lingüística envolvida no momento em que está acontecendo à alfabetização, mais condições terá o professor de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem, sem os sofrimentos habituais.” (GAGLIARI, 2003, p.9).*

Quanto à escrita os dados afirmam que esta sendo trabalhada com atividades significativa, onde os alunos precisam pensar e testar suas hipóteses, considerando o nível de aprendizagem de cada um. As atividades são organizadas através de listas, textos que sabe de cor ex: musica, adivinham par lenda, poesias, fábulas, contos de fadas, textos informativos e outros. Tudo aquilo que a criança convive no seu cotidiano e possa ser de muita importância para ela, e assim despertar seu interesse pela a leitura e a escrita, onde ela terá oportunidade de refletir e testar suas hipóteses de escritas produzindo seus textos de acordo com seu nível de aprendizagem.

Segundo os dados pesquisados as professoras do ciclo estão conseguindo alcançar seus objetivos propostos, com está proposta de ensino que se baseia no construtivismo, que e um tema que tem sido bastante discutido atualmente.

*“Os trabalhos construtivistas, que se propuseram a buscar a “pré-história da escrita” na criança, evidenciaram que, muito antes da aprendizagem formal da escrita, a criança opera cognitivamente na tentativa de compreender esse sistema de representação, elaborando, desde muito cedo, importantes hipóteses acerca do seu funcionamento. Ora, quando a alfabetização é concebida como esforço de conhecimento, o enfoque pedagógico, antes centrado na dimensão figurativa da escrita, passa a ser o estímulo à elaboração mental, visando à construção dos modos de produção e interpretação.” (COLELLO 2004, p.17)”.*

As observações realizadas permitiram constatar que há uma grande diversidade entre os alunos, devido se encontrar em níveis diferentes, isto foi percebido desde o início das observações e durante o decorrer deste trabalho, até o final. As

crianças ao chegar à escola já encontram em níveis diferentes na mesma série isso ocorre pelo fato da questão do meio onde vive devido às diferenças sociais e econômicas que na qual já foi dito em páginas anteriores. Na referida sala, as crianças se encontravam em todos os níveis: pré-silábico, silábico sem e com valor sonoro, silábico alfabético e alfabético. Mesmo com essas diferenças a professora procurou fazer um trabalho com muita segurança, aplicando atividades diferenciadas respeitando o seu nível de aprendizagem de cada aluno. procurando atender a todos no coletivo, e individual dependendo da situação, trabalhando em grupo ou dupla de acordo com a atividade proposta, programava suas aulas de maneira que se tornava agradável e não cansativas encaminhava suas aulas e fazia intervenção no momento certo, deixando os alunos pensar e construir suas hipóteses de escritas questionava juntamente com os alunos e dando oportunidade deles refletir sobre a escrita, muitas vezes elas entravam em conflito perguntando "professora com que letra escreve", "... Ou não sei escrever". A professora ao intervir, com que letra começa ou com que letra termina e aos poucos a própria criança se descobria, após descobrir entravam em conflito devido às regras gramaticais, às vezes elas não concordam. Fernando questionou a diferença do ran de laranja e ram de arame, foi preciso de uma explicação bastante clara com vários exemplos: assim sucessivamente quando elas estão em transição de um nível para o outro geralmente entra em conflito, é quando precisa do conhecimento teórico do professor na hora de intervir evitando bloqueio.

O que chama atenção é também no momento em que elas mesmas levantam hipóteses tipo a diferença entre vogais e consoantes, o que percebe é a grande curiosidade que existem nas crianças, descobrindo e construindo seu próprio conhecimento.

As aulas da professora durante toda a pesquisa foram muito criativas com grandes variações de materiais onde oportunizava o uso das crianças criando assim um ambiente de alfabetização com materiais escritos com vários gêneros. Onde prendia atenção das crianças com relações à leitura e a escrita e todas tinham uma participação ativa, a professora organizava a atividade de escrita em forma de lista dentro do contexto social, produções de textos que já sabia de cor e reconta de histórias infantis, para eles escrever. Sugeriu que elas fizessem a leitura da mesma. Há princípio algumas

crianças às vezes rejeitava de ler. No final da pesquisa todas já exibiam suas leituras. No decorrer do processo da escrita, muitas crianças encontraram dificuldades. Só que devido o trabalho é a dedicação da professora elas conseguiram superar, claro, com o esforço também das próprias crianças. O que não foi possível, e nem era a intenção da professora é de transformar a classe em homogênea. Porém os alunos que chegaram com um determinado nível não ficaram parados no tempo, eles avançaram e tiveram um desenvolvimento satisfatório no processo de alfabetização com respeito à aprendizagem da escrita.

O mais importante desta pesquisa foi o fato de compreender como as crianças constroem suas hipóteses de escrita e de como interpreta, mesmo antes de saber ler e escrever convencionalmente. O que ajudou bastante no processo evolutivo dessas crianças foi sua grande participação ativa, cooperando para seus próprios avanços. É importante enfatizar o quanto é valioso o esforço da criança no processo de aprendizagem, para seu desenvolvimento cognitivo ex: Hian sempre está atento a tudo e procura tirar suas dúvidas sempre que sujam, além dele as outras também que são muito prestativas com suas atividades, questiona bastante com a professora sobre a escrita, produz textos, ao ler faz a correção por eles mesmos. Percebe-se que as crianças estão sempre buscando a compreender a relação da linguagem oral e da escrita, tentando colocar em prática de maneira convencional.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No decorrer desta pesquisa, mesmo com todas as dificuldades encontradas, é importante enfatizar que, aprender olhar a produção da escrita da criança é algo muito bonito, desafiante e gratificante para o professor. Cabe ao professor dominar a teoria e acreditar nela e em seu trabalho e que as crianças são capazes de construir seus próprios conhecimentos. O que precisa ficar claro é que a teoria é de fundamental importância. De vez que fornece diretriz, mas não resolve todos os problemas. Nesse sentido, é importante que o professor tenha consciência que mesmo embasado numa teoria adequada, ele encontrará crianças que enfrentarão grande dificuldade de aprendizagem, evoluirão devagar e terão dificuldade de entender o processo de alfabetização. O professor precisa levar em conta, ainda que a alfabetização envolva um esforço grande da criança e que, portanto, ela precisa de muito apoio, não são apenas aspectos cognitivos que estão em jogo, mas também os emocionais e econômicos. Que podem retardar ou bloquear o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Faz necessário que o professor esteja sempre atento durante a aplicação das atividades em sala de aula e acompanham o processo de desenvolvimento de seus alunos. Acreditando que eles são capazes de superar todas as dificuldades surgidas instantaneamente. Cabe ao professor observar como cada uma resolve a atividade

proposta, de modo que a atividade precisa ser desafiadora dentro de cada nível de ensino, onde as crianças possam construir suas hipóteses de escrita usando seu próprio raciocínio.

Os alunos observados, mesmo com diferentes níveis tiveram uma boa evolução dentro de seu potencial. Observou-se que os alunos desde o pré-silábico até os silábicos sem e com valor sonoro e os silábicos alfabéticos chegaram ao final da pesquisa alfabético, ainda com dificuldade de ortografia, mas tentando superar. Vale lembrar que suas produções surpreendem, e fez acreditar que a criança levanta suas hipóteses e é capaz de buscar soluções para resolver e evoluir o seu desenvolvimento de aprendizagem e se alfabetizar, independentemente do método. Mas se devem aos esforços de ambas as partes, professor e alunos.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1994.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Programa de formação de professores alfabetizadores**. Apresentação. Secretaria de Educação Fundamental Brasília: Secretaria de Educação Fundamental/SEF, 2000.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 2003.
- CARNEIRO, Moacir Alves. **LDB fácil**. Leitura crítica-compreensiva artigo a artigo. Petrópolis: Rio de Janeiro Vozes 2002.
- COLELLO, Silvia. M Gasparian. **Alfabetização em questão**. Rio de Janeiro: paz e terra 2004.
- FERREIRO, Emilia. **Alfabetização e processo**. São Paulo: Cortez, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Cultura escrita educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Reflexão sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Com todas as letras**. São Paulo Cortez, 2004.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- GARCIA, Regina Leite (org.) **Alfabetização dos alunos das classes Populares**, São Paulo. Cortez, 2001.
- \_\_\_\_\_. (org.) **Novos olhares sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2004.

GIESEN, Maria Regina C. **Descobrimdo a vida.** Alfabetização numa perspectiva sócia construtivista. Detrito Federal: Brasil, 2003.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. **Alfabetização:** a criança e a linguagem escrita. Campinas, Autores Associados, 2003.

KLEIN, Ligia Regina. **Alfabetização quem tem medo de ensinar.** São Paulo: Cortez, 2002.

LANDSMANN, Liliana Tolchinsky. **Aprendizagem da linguagem escrita. Processos evolutivos e implicação didática.** São Paulo: Ática, 1998.

MERCANTIL, Gazeta. **A historia da escrita.** Associaria de comunicação empresa UNICAMP. Disponível em: [www.unicamp.br/unicamp/canalaberto](http://www.unicamp.br/unicamp/canalaberto). Acesso em 12 de julho de 2006.

NOVA ESCOLA, **Infância Perdida.** Fundação Victor Civita, Ed. Abril, São Paulo, ano IX – nº.75 –maio de 1994.

OFICIO DE PROFESSOR. **Leitura e escrita aprender mais para ensinar melhor.** Programa de Aprendizagem para Professores dos Anos Iniciais da Educação (V.3.) São Paulo: Fundação Victor Civita, Abril, 2002.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Língua Portuguesa.** Secretaria de Educação Fundamental. (V.8.) Brasília: MEC/SEE Ática 1997.

SANTOS, Antonio Raimundo. **Metodologia científica, a construção do conhecimento** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SEBER, Maria da Glória. **A escrita infantil. O caminho da construção.** São Paulo: Scipione, 1997.

SEDUC, Secretaria de Estado de Educação. Governo de MG. Ensino Fundamental de 9 anos. **Orientação para a organização do ciclo inicial de alfabetização.** Belo Horizonte. 2004.

SILVA, Maria Alice S. Souza e. **Construindo a leitura e a escrita.** Reflexões sobre uma prática alternativa em alfabetização. São Paulo: Ática, 2003.

TEBROSKY, Ana. TOLCHINSKY, Liliana. **Além da Alfabetização.** A aprendizagem fonologia, textual e matemática. São Paulo: Ática, 2003.

WOLPATO, Márcia. **Construção da escrita. Fundamentação para o Desenvolvimento da Educação.** Secretaria da Educação São Paulo: 2001. Fita de vídeo (58 min), VHS, SON, color, em português.

XACRIABÁ, Marciel e Gizélio. **A história da escrita.** Universidade Indígena, 2000. Disponível em: [www.lettras.ulng.br/bay/index.htm](http://www.lettras.ulng.br/bay/index.htm). Acesso em: 12 jul. 2006.